



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

WALDIRENE DE JESUS

**RIO CAPIBARIBE: EXPERIMENT-AÇÃO/DESTERRITORIALIZ-AÇÃO DO
AMBIENTE, RESISTÊNCIA E MINORIDADE**

**CAMPINAS
2017**

WALDIRENE DE JESUS

**RIO CAPIBARIBE: EXPERIMENT-AÇÃO/DESTERRITORIALIZAÇÃO DO
AMBIENTE, RESISTÊNCIA E MINORIDADE**

**Dissertação de mestrado apresentada
ao Instituto de Estudos da Linguagem
e Laboratório de Estudos Avançados
em Jornalismo da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Mestre(a) em Divulgação
Científica e Cultural, na área de
Divulgação Científica e Cultural.**

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA WALDIRENE
DE JESUS E ORIENTADA PELO PROF.
DR. ANTONIO CARLOS RODRIGUES
DE AMORIM**

**CAMPINAS
2017**

Ficha catalográfica

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crislene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

J499r	Jesus, Waldirene, 1973- Rio Capibaribe : experiment-ação/desterritorializ-ação do ambiente, resistência e minoridade / Waldirene de Jesus. – Campinas, SP : [s.n.], 2017. Orientador: Antonio Carlos Rodrigues de Amorim. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Deleuze, Gilles, 1925-1995 - Crítica e interpretação. 2. Assis, Claudio de, 1959-. Febre do rato - Crítica e interpretação. 3. Minorias - Capibaribe, Rio (PE). 4. Filosofia no cinema. 5. Imagem (Filosofia). 6. Capibaribe, Rio (PE). I. Amorim, Antonio Carlos Rodrigues de, 1968-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Capibaribe river : experiment-action/desterritorializ-action of the environment, resistance and minority

Palavras-chave em inglês:

Deleuze, Gilles, 1925-1995 - Criticism and interpretation

Assis, Claudio de, 1959-. Mouse fever - Criticism and interpretation

Minorities - Capibaribe, River (PE)

Philosophy in motion pictures

Image (Philosophy)

Capibaribe, River (PE)

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim [Orientador]

Susana Oliveira Dias

Érica Speglich

Data de defesa: 24-02-2017

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Profa. Dra. Susana Oliveira Dias

Profa. Dra. Érica Speglish

Profa. Dra. Carolina Cantarino Rodrigues

Profa. Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes

Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica da aluna.

Dedicatória

À uma criança.

Agradecimentos

Como expressar a emoção,
por todos vocês,
Grandes Amigxs,
que inspiram meu des-loucar?

RESUMO

RIO CAPIBARIBE: EXPERIMENTO-AÇÃO/DESTERRITORIALIZAÇÃO DO AMBIENTE, RESISTÊNCIA E MINORIA

Os conceitos filosóficos deleuzianos, como a desterritorialização e o devir, são experimentados como poder proliferador de sentidos outros para o Rio Capibaribe e para a população recifense que vive às suas margens, fora dos modelos de sociedade/estado, minoria revelada em potência política. A experimentação/desterritorialização do Rio Capibaribe ocorre em seu encontro com fragmentos de conceitos, imagens e com o filme "Febre do Rato", de Claudio de Assis (2011). Nossa proposta é a criação de fragmentos de escrita-imagem-poesia como um encontro "impossível" e desafiador entre o Rio Capibaribe, Assis, Zizo, Deleuze, Guattari, escritores, poesias, imagens, cinema e pesquisa. Um método dinâmico que marca os movimentos de resistência e liberdade das minorias e do próprio rio. Zizo, o Poeta, personagem central do filme, nos aparece como um rio que flui contra a dominação do capitalismo/consumismo, ao mesmo tempo acaba por aprisionar os personagens ao seu próprio mundo. Uma legião de seguidores? Zizo também está preso em seu papel? Ao fortalecer as territorialidades minoritárias, personagens re-existem. Um bando? Re-existência através da expressão e criação que surgem por frag-movimentos, cortes e colagens dos escritos e imagens. Experimentação do impossível, da poesia no cinema, da política, do pensamento descontrolado. Experimentação de uma coletividade que pede o direito de errar, de corpos que são tocados por um rio que é um mundo e que, pela imaginação, tocam e dançam. Vontade-forças que ultrapassam força cerceante de territórios, explosão de locais-devires. Desterritorialização-reterritorialização. Na contaminação do movimento, incessante e imanente do rio, conceitos, imagens e palavras, o estudo procura trazer/criar novas possibilidades de ver/criar/pensar/espalhar e experimentar o mundo. Os fragmentos criados são o registro dos encontros entre as imagens escritas e o Rio. Um rio, também meu. Apropriação.

Palavras-chave: Rio Capibaribe, Deleuze, Minoridade, Cinema e Imagem

ABSTRACT

CAPIBARIBE RIVER: EXPERIMENT-ACTION/DETERRITORIALIZ-ACTION OF THE ENVIRONMENT, RESISTANCE AND MINORITY

Deleuzian philosophical concepts such as deterritorialization and becomingness(devir) are experienced as a proliferate power of other senses for the Capibaribe River and for the Recife population living on its margins, outside the models of society/state, minority revealed in political power. The experiment-action / deterritorializ-action of the Capibaribe River occurs in its encounter with fragments of concepts, images and with "Febre do Rato" (Rat Fever) movie, by Claudio de Assis (2011). Our proposition is the creation fragments of writing-image-poetry as an "impossible" and challenging encounter between the Capibaribe River, Assis, Zizo, Deleuze, Guatarri, writers, poetries, images, silver screen and research. A dynamic method within the movements of resistance and freedom of minorities and of the river itself. Zizo, The Poet, the central character of the film, appears to us as a River that flows against the domination of capitalism/consumerism, at the same time ends up imprisoning the characters to their own world. A legion of followers? Zizo is also stuck in his role? By empowering theminority territorialities, characters re-ex-sistem. A minority that has no face, but power. A band? Re-ex-sistence through the expression and creation that arise by frag-move-ments, cuts and collages of the writings and images. Experimentation of the impossible, of poetry in the cinema, of politics, of the uncontrolled thought. Experimentation of a collectivity that asks for the right to err, of bodies that are touched by a river that is a world and that by the imagination, touch and dance. Will-forces that surpass the force limiting territories, explosion of places-becomings. Deterritorialization-reterritorialization. In the contamination of the movement, incessant and immanent of the River and concepts and images and words, the study seeks to bring/ create other possibilities to see/create/think/spread and experience the world. The created fragments are the record of the encounters between the written images and the River. A River, also mine. Appropriation.

Key words: River Capibaribe, Deleuze, Minority, Movie and Image

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.DESTERRITORIALIZAÇÃO E IMANÊNCIA.....	17
1.1IMANÊNCIA E AGENCIAMENTO.....	23
2. DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO.....	27
2.1TEOREMAS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO.....	40
3.DESTERRITORIALIZAÇÃO E DEVIR MINORITÁRIO.....	43
4.DESTERRITORIALIZAÇÃO, DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA.....	55
4.1RESISTÊNCIA E SEGMENTARIEDADES.....	60
4.2RESISTÊNCIA E DES-LOUCA-MENTOS.....	64

5.FRAG-MOVI-MENTOS (PARTE I).....	66
5.1 Mundo Recife-Capibaribe	67
5.2 Um rio que é um mundo	67
5.3 O avesso do Capibaribe	72
5.4 <i>Um</i> corpo-rio.....	73
5.5 Silenciamento dos corpos	77
5.6 Eneida e <i>um</i> corpo-guerra	78
5.7 Coisas finas e miúdas	79
5.8 Pernas, braços e vontade	79
5.9 Corpos no espelho	81
5.10 Quintal-palacio	82
5.11 Zona de vizinhança	83
5.12 Sons-tempo-música	84
5.13 Deletando medos	84
5.14 Enfeites de cores erradas.....	85
5.15 Sede-n-tários.....	85
5.16 Ratos	86
5.17 Capivaras	86
5.18 Poesia-rapariga	87
5.19 Recife líquida	87
5.20 O coveiro e a poesia	88
5.21 So-terra-dos, mortos vivo.....	89
5.22 Desacordo possível, proposta improvável	90
5.23 Se a cheia chegar.....	92
5.24 O luxo da amizade	93
5.25 O ovo direito da ordem	93
5.26 Proverbial desgraça do mundo	94
5.27 Ponte Hospício	94
5.28 Mundo abismo	95
5.29 Rio liso.....	95
5.30 <i>Frag</i> , do alemão, pergunta: O satélite é a volta do mundo?.....	96

6.FRAG-MOVI-MENTOS (PARTE II).....	97
6.1 Nuances inimagináveis.....	98
6.2 Territórios.....	99
6.3 Devir.....	100
6.4 Negociando territórios.....	101
6.5 Rivalidades.....	102
6.6 Encosto do meu céu.....	103
6.7 Horizontes.....	104
6.8 Flutuações.....	105
6.9 Enclave.....	106
6.10 Estratos.....	107
6.11 Sobre Todo Mundo.....	108
6.12 Viverro.....	109
6.13 Des-loucar.....	110
6.14 Posteridade.....	111
6.15 Minorias.....	112
6.16 Espectadores.....	113
6.17 Encerros.....	114
6.18 Gotas de mundo.....	115
6.19 Bandear.....	116
6.20 Tensão.....	117
6.21 Trajeto de corpo.....	118
6.22 Em-terro.....	119
6.23 Cor-ações.....	120
6.24 Gritos mundanos.....	121
6.25 Aquarelar.....	122
6.26 Pensamentos voláteis.....	123
6.27 Jardins deSofia.....	124
6.28 Ódio burguês.....	125
6.29 Charme das minorias.....	126
6.30 Territórios desconhecidos.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
BIBLIOGRAFIA.....	130

INTRODUÇÃO

“Para definir o esgotamento, Deleuze começa distinguindo-o do cansaço pela relação que eles têm com o real e o possível, defendendo que o cansado esgota a realização, enquanto o esgotado esgota o próprio possível, todo o possível, o que não se realiza no possível. ” (Machado in: DELEUZE, 2010, p17)

A divulgação científica e cultural vista por seu papel ativo no Mundo constitui-se como ação política. Nesta perspectiva, a divulgação científica e cultural tem outras interrogações e não responde ao pensamento dominante, reproduzindo suas determinações políticas e midiáticas. Ao contrário, pode se potencializar por conceitos abertos, como os de desterritorialização e devir de Deleuze e Guattari.

Com esse e demais conceitos desses autores, a divulgação científica e cultural torna-se um espaço amplo à proliferação/desconstrução de territórios existenciais, intervindo e problematizando linguagens e método/teorias/fatos, trazendo à tona outras possibilidades singulares de ver/criar/pensar o mundo. Para isso, é importante considerar a divulgação como linguagem que é atravessada por campos como o da Ciência, Filosofia e da Arte.

Uma linguagem que seja a zona de comunicação/criação, a Inter territorialidade e o “gasoso/líquido”; um espaço da atuação de forças cósmicas e movimentação caótica de moléculas em vias do “tornar-se”, potência temporária das forças do “devir”.

Marcada pelas interrupções, sejam elas fragmentações, cortes, rachaduras, rasgos, gaguejos, lentidões, aceleramentos, vazios, silêncios, durações, repetições, quebras, anti gravidades/matérias/importâncias, feridas, etc. São poros de acesso aos intervalos. Assim, temos a possibilidade de lançar novamente os dados às forças do universo, de se desfazer e refazer-se numa organização mais alegre, menos “sólida”, uma fuga aos modelos que aprisionam a vida na linguagem.

Apostamos que uma nova maneira de pensar/sentir/viver pode surgir a partir de um acesso inesperado, uma imagem, som, cheiro e no encontro com pessoas, personagens, coisas, seres, realidades e fabulação.

Atenção especial será dada, nesta dissertação, ao cinema que experimenta existências e velocidades e cores e sons e fabulações, pois foge aos modelos cinematográficos que trabalham para os “chapamentos” e contra-minoria. Na ótica desses modelos, o ambiente e a produção científica, cultural e artística servem à lógica da rentabilidade escrava.

Alternativamente algumas produções fílmicas marcam ou possibilitam se marcarem por movimentos de desterritorialização e de devir, “deschapando” estereótipos ou “rostos”, deixando singularidades romperem as telas.

Para problematizar nesta dissertação esse funcionamento, foi proposto criar fragmentos de ideias a partir de conceitos filosóficos no encontro com o filme Febre do Rato de Cláudio de Assis.

Importante ressaltar que para este cineasta o “Cinema não é vender coca-cola. Cinema é atitude, vontade, transformação”, dividindo as críticas entre aqueles que tem repulsa pelo filme e os que se encantam pela exposição do “submundo” recifense.

O longa Febre do Rato contou com roteiro de Hilton Lacerda, fotografia de Walter de Carvalho e tem no seu elenco nomes como Matheus Nachtergale, Irandhir Santos, Nanda Costa, Mariana Nunes e Tânia Granussi, entre outros.

Retratando as relações humanas de uma Recife invisível, com desejos intensos e flagrante despreocupação com modelos morais e outros. Temos o casal “desassossegado” Pazinho, o coveiro e Vanessa, cabelereira e travesti.

Zizo, o poeta, vive livremente o sexo com as vizinhas, mas se apaixona por Eneida, a estudante, que não corresponde. Rosângela namora um traficante que, com mais dois amigos se “divertem” em uma fábrica que ocuparam.

As poesias marginais declamadas pelo personagem principal Zizo atravessa toda a cidade e conecta seus personagens. Febre do Rato é expressão do nordeste que significa “fora de controle” e também dá nome ao tablóide produzido pelo poeta.

No cenário temos as ruas de Recife, a fábrica ocupada, quintais, bares e quiosques no centro da cidade como, por exemplo, o tradicional “Caldácio da Saudade” e que tem, por anfitrião Dácio, gaitista, poeta, cozinheiro e garçom. O Rio Capibaribe é mostrado nos minutos iniciais com toda sua imponência e uma cidade erguida a sua volta, tornando-se invisível ou “ao fundo” nos demais minutos.

Um encontro “impossível” e desafiador entre o Rio Capibaribe, Assis, Zizo, Deleuze, Guattari, Escritores, a poesia, a imagem, a tela e a pesquisa.

Ensejaram-se as criações proliferantes de sentidos e que potencializam resistências às forças tiranas que aprisionam as minorias. (artistas, poetas, mulheres, travestis, putas, coveiros, cabelereiros, estudantes etc.)

Os conceitos escolhidos se movimentam, se desconceituam, fogem à diminuição de suas potências e a algum fechamento; novas linhas de fuga criam interrupções na escrita, uma experimentação/exemplificação do funcionamento dos conceitos filosóficos junto ao filme.

Há um nomadismo nos conceitos de devir e desterritorialização, pois eles deslocam e fogem das filosofias/ciências que procuram aprisioná-los. Os conceitos são esgotados, estabelecendo conexões impossíveis e expressivas.

Os filmes, a poesia e o pensamento se movimentam, por vezes há imagens invisualizáveis e *transparecimento* noutras condições-sensações. A cada visualização são arrastadas palavras e cores e sons e velocidades e pensamentos. Nos tempos e espaços das telas, uma “passada rápida” e as narrativas se perdem.

O pensamento experimenta novos acontecimentos, o cinema abre a poesia e a poesia abre o cinema, há possibilidade de outras ideias, linguagens, imagens e de se *ver* através de outros *olhos* e de outros expectadores.

Este estudo se constrói através de um método dinâmico, que procura experimentar os conceitos deleuzianos, o filme Febre do Rato, o Rio Capibaribe e o que podem juntos.

Febre do Rato de Cláudio de Assis (2011) é experimentação do impossível na medida em que traz personagens menores. Perseguiu-nos a todo tempo a seguinte questão:

A minoria se deixa enclausurar em um personagem?

O filme experimenta a poesia no cinema, a política e o pensamento descontrolados. Experimenta uma coletividade que pede o direito de errar. Experimenta corpos que são tocados por um rio que é um mundo e que, pela imaginação, tocam e dançam.

Febre do Rato é local de desterritorialização-reterritorialização e de libertação do pensamento, do corpo e da linguagem, por onde passam os devires ou onde os desejos movimentam e experimentam.

O estudo experimenta a escrita e as vontades-forças que ultrapassam a força cerceante de territórios e a explosão de locais-devires. A dissertação tem o ponto final como marca e recurso à vasteza de im-possibilidades que se avizinham com as imagens, palavras e o Rio.

Experimento do lugar da minoridade, daqueles em que *não é possível* seguir com os modelos de sociedade/Estado e que tem suas criações vividas num outro plano (DELEUZE, 2007, p.214), fora da dominação pelo capitalismo-consumismo.

No objetivo de experimentar as potencialidades entre o audiovisual e a filosofia, os conceitos são tomados nas conexões com as formas de resistência da minoria e outros conceitos potentes que margeiam ou que são margeados pelo conceito de desterritorialização. Inicialmente na sua relação com a Imanência e na sequência dominação, devir, minoridade, agenciamentos, reterritorializações, conteúdo e expressão, segmentaridades e deslocamentos.

Na contaminação do movimento, incessante e imanente do rio, conceitos, imagens e palavras, o estudo procura trazer/criar novas possibilidades de ver/criar/pensar/espalhar e experimentar o mundo. Da necessidade do relançar-se continuamente nos espaços *entre* territórios e palavras.

Os frag-movimentos foram criados a partir do filme Febre do Rato, os conceitos de Deleuze & Guattari e pelas imagens feitas a partir do Rio Capibaribe. Além do filme, o encontro com o Rio se deu em uma viagem que realizei até Recife. Na viagem, em especial, fui atravessada pela exposição “Capibaribe: Meu Rio”, no Forte Cinco Pontas, com curadoria de Betânia Corrêa de Araújo e Dirceu Marroquim.

Os capítulos 1,2,3 e 4 tratam dos conceitos propriamente ditos, imanência (mapa sobre o caos), desterritorialização-reterritorialização (território, enquanto ato de passagem e primeiro agenciamento) devir minoritário (devir enquanto local de desterritorialização e minoritário como reterritorialização no menor, que não se submetem aos padrões dominantes) dominação-resistência (resistência da ordem das minorias, dos nômades, escritores etc.), respectivamente.

Por fim, os capítulos 5 e 6 são os frag-movi-mentos criados em diferentes momentos da pesquisa, portanto divididos em parte I e II. As criações são o registro dos encontros entre as imagens, escritas e o Rio Capibaribe.

Um rio, também meu. Apropriação.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. . Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.
(GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323)

1. DESTERRITORIALIZAÇÃO E IMANÊNCIA

O plano de imanência expressa um mapa sobre o caos, sobre as velocidades infinitas, afectantes e desterritorializantes. Um mapa flutuante é composto pelas desacelerações que resistem ao caos. Partindo do Cosmo, a força imanente desinstala padrões sociais e cotidianos que sustentam o poder tirano.

Neste aspecto, o mapa ou plano de consistência é um recorte do caos onde é possível o des-loucar do pensamento. A loucura do pensamento imanente está em não transcender ou chegar a Alguma coisa, mas em ser afetado pelo Cosmo.

O plano de consistência se opõe às transcendências e seus estratos, o Patrão, a Lei, o Pai ou o Marido. Não há padrões a serem alcançados, mas potências a serem envolvidas, um povo “menor” a ser formado, multiplicidades a serem conectadas.

O poder separa a minoria, diminui a possibilidade de encontros e a potência das desterritorializações-reterritorializações. Sair de um território ao entrar em outro. A saída do território é a reterritorialização.

Os territórios e graus de desterritorialização podem ser lidos como vetores que atravessam platôs, planos de consistência (composição) com *multiplicidades conectáveis com outras hastes subterrâneas superficiais* que só podem se realizar no modelo de rizoma e estendê-lo.

Enquanto o plano de organização (forma) e o desenvolvimento (substância) tenta parar o movimento de desterritorialização ou ainda restratificar, reconstituindo formas e sujeitos, o plano de consistência libera as linhas de fuga e os seres de fuga, hecceidades (individações impessoais, um verão), extrai do mínimo estrato, materiais e afectos.

Ao singularizar temos um modo de vida imanente, além do bem e do mal, impessoal e singular. Os acontecimentos, que constituem uma vida singular, comunicam-se com outros acontecimentos singulares formando multiplicidades. A comunicação se dá ao nível dos devires, um “Algo passa”, que de forma alguma procura impor condições e formar uma categoria.

O que une as minorias, são territorialidades que problematizam os padrões.

Os direitos e deveres são descontinuados na medida em que priva o pensamento imanente e a expressão da vida. O espaço-tempo do trabalho, do lazer ou do convívio familiar é substituído por territórios-acontecimentos, livres e intensos. Um quintal, uma mesa de bar ou um rio atravessa as multiplicidades fazendo que, continuamente, estejam em desterritorialização-reterritorialização.

As multiplicidades comunicam-se em zonas intensas, realizando-se em rizoma por oposição às organizações hierárquicas e seus modelos. Enquanto minoria imanente, a multiplicidade difere das massas e não segue modelos. Desta forma, insignificâncias ou desimportâncias podem apresentar-se como intensidades potencializadas de encontros e união da minoria numa causa política.

Os graus de potência que se compõe de intensidades as quais correspondem um poder de afetar e ser afetado, se exprimem-se nos artigos e pronomes indefinidos, que não são indeterminados. Nos nomes próprios que não designam pessoas, mas acontecimentos, nos verbos infinitivos que não são indiferenciados, mas constituem devires ou processos.

Platôs, planos de composição, rizomas, singularidades, devires, acontecimentos, hecceidades, espaços e tempos livres encontram-se nas multiplicidades, é só nelas que temos determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza.

A multiplicidade escapa da oposição abstrata entre o múltiplo e o Uno, escapa de se tornar uma Unidade ou Totalidade perdida.

Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são singularidades; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individualizações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização.(DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 8)

Os elementos das multiplicidades libidinais, inconscientes, moleculares e intensivas são partículas que não se dividem sem mudar de natureza, distâncias que não variam sem entrar em outra multiplicidade, que não param de fazer e desfazer-se, comunicando, passando umas às outras no interior de um limiar. (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p. 60).

As multiplicidades não se deixam sobrecodificar (dimensão vazia suplementar à do sistema considerado), são planas ocupando todas suas dimensões e crescem por rizoma, suas linhas mudam de natureza ao se conectarem às outras.

No fora ou exterioridades das multiplicidades há o plano de consistência que funciona como grade, achatando as multiplicidades sobre um plano com nas dimensões. (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p. 23-25)

O rizoma é estratificado e está em perpétua ramificação, nele circulam intensidades, devires, que fazem explodir séries heterogêneas, nos movimentos de desterritorialização e reterritorialização com coexistência de diferentes, por exemplo:

Orquídea e mosca. A orquídea desterritorializar formando um decalque da vespa, a vespa reterritorializa sobre essa imagem, e a orquídea é reterritorializada quando tem o pólen transportado pela vespa. A vespa e a orquídea abandonam funções do seu corpo, desterritorializam ao capturar códigos uma da outra e que são disponibilizados pelo movimento de devir. O devir vespa da orquídea e o devir orquídea da vespa, reterritorializam os órgãos em novas funções. (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p. 28)

Lembrando que *“Um rizoma nem começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”* (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p.48)

Nesta direção, formar conjunto é travar aliança com o diferente. Encontros de criação, assim como fazem as cores. O ultramarino encontro do azul com o vermelho.

Encontros entre Filosofia, Arte e Ciência. O caos como força impulsora do pensamento imanente, das sensações cósmicas e do porvir. O porvir enquanto potência criadora e revolucionária da minoria. Permanência da esquerda ou dos processos de devir.

Para Deleuze (1992) o enfrentamento do caos pela Filosofia, Arte e Ciência intercriam acontecimentos (pelo conceito), monumentos (pelas sensações) e estados de coisas (por suas funções), sem se sintetizarem, mas deixando mais ou menos aparecer tais influências, ainda que *“A arte abre o universo para tornar outro, a ciência para sua ação prática, seu uso, e a filosofia para tornar pensamento”*.

Há um enfrentamento potente do caos pela Filosofia, Arte e Ciência.

Batalhas cósmicas, no nível de forças e partículas inomináveis. Um desterritório perceptível pela exterioridade da batalha, um recorte, acontecimento, monumento ou estado. Uma reterritorialização do próprio Cosmo?

Na Filosofia deleuziana o pensamento está ligado ao fluxo/força cósmicos através do Plano de Imanência e seus agenciamentos, *é um acontecimento do pensamento, na medida em que é traçado sobre um plano ou sob seus conceitos dos quais são suscetíveis como históricos de uma sociedade*. Os conceitos de um mesmo grupo, por exemplo, podem ser agenciados por um mesmo plano, ou ainda, personagens *conceituais* podem distinguir ou aproximar planos de imanência de acordo com seus pontos de vista. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p92-98)

Ao agenciar personagens-que extrapolam os conceitos- temos a possibilidade de uma nova expressão da imanência, sem começo nem fim, nem origem e nem destinação, sempre no meio, linhas, rizoma, uma estação, um “eis aqui”.

A criação de uma semiótica particular servindo à expressão. Ver com os personagens. O plano de consistência não é um plano oculto.

Aqui não há mais absolutamente formas e desenvolvimentos de formas; nem sujeitos e formações de sujeitos. Não há nem estrutura nem gênese. Há apenas relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão entre elementos não formados, ao menos relativamente não formados, moléculas e partículas de toda espécie. Há somente hecceidades, afectos, individuações sem sujeito, que constituem agenciamentos coletivos. Nada se desenvolve, mas coisas acontecem com atraso ou adiantadas, e formam esse ou aquele agenciamento de acordo com suas composições de velocidade. (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p.57-58)

Podemos chamar um plano de Imanência, Composição, Consistência e Univocidade, de Plano da Natureza, mas que não tem nada a ver com natural ou artificial, as hecceidades formam-se conforme as composições de potência ou de afectos subjetivados. As longitudes são os movimentos e as latitudes, afectos intensivos potenciais.

Trata-se de um plano proliferador, um desenho abstrato, involuções, uma forma não para de ser dissolvida para liberar tempos e velocidades. Um estado absoluto de movimento e repouso onde se desenham todas as velocidades e lentidões, assim como o silêncio marca o repouso sonoro. Liberação de tempos.

Tal plano experimenta, recolhe partículas, é dado no momento em que as

partículas deslizam para dentro dele. O que ele dá, o plano de consistência ou composição, é feito no mesmo momento em que ele próprio se constitui enquanto tal experiência. Daí que uma interpretação também não é possível. Pode-se tentar uma leitura criativa do plano

“Só há velocidades e lentidões entre elementos não formados, e afectos entre potências não subjetivadas...” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.59-60)

O plano é o transporte de afectos e devires que “saltam” fazendo blocos, um movimento que passa entre velocidades.

O plano cresce e decresce em n dimensões, com aquilo que ele próprio desenvolve.

As puras relações de velocidade e lentidão entre partículas, tais como aparecem no plano de consistência, implicam movimentos de desterritorialização, como os puros afectos implicam em um empreendimento de desubjetivação. mas ainda, o plano de consistência não preexiste aos movimentos de desterritorialização que o desenvolvem, às linhas de fuga que o traçam e fazem subir à superfície, aos devires que o compõe. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.63)

O Corpo Sem Órgãos (CsO) é também passagem de imanência, um platô onde o desejo produz sem referência a qualquer instância exterior, por exemplo a uma falta onde o prazer pudesse preencher. O conjunto de CsO é o plano de consistência próprio do desejo, pura multiplicidade de imanência. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.18)

Um corpo sem órgãos são apenas intensidades, “ventos” que se avizinham a outros corpos e sustentam um corpo com órgãos. O organismo é um estrato, mas o corpo sem órgãos é tão fervilhante que expulsa o organismo e a organização, é povoado de multiplicidades. (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p.57)

A desterritorialização está ligada a liberdade, à imanência e às forças cósmicas.

Desterritorializar uma língua, abrir à desestratificação e criação salvando-nos dos “buracos negros” da subjetivação e das “redundâncias” da significância. No mínimo, des-louca-mentos, “novos andamentos” e “rotas de fuga” através da Arte, Ciência, Filosofia e políticas, como formas de resistência à dominação-consumo.

Os principais estratos que aprisionam o homem são o organismo, mas

também a significância e a interpretação, a subjetivação e a sujeição. São todos esses estratos em conjunto que nos separam do plano de consistência e da máquina abstrata, aí onde não existe mais regime de signos, mas onde a linha de fuga efetua sua própria positividade potencial, e desterritorialização, sua potência absoluta. Ora, a esse respeito, o problema é fazer bascular o agenciamento mais favorável: fazê-lo passar, de sua face voltada para os estratos, à outra face voltada para o plano de consistência ou para o corpo sem órgãos. A subjetivação leva o desejo a um tal ponto de excesso e de escoamento que ele deve ou se abolir em um buraco negro ou mudar de plano. Desestratificar, se abrir para uma nova função diagramática. Que a consciência deixe de ser seu próprio duplo e a paixão, o duplo de um para outro. Fazer da consciência uma experimentação de vida, e da paixão um campo de intensidades contínuas, uma emissão de signos-partículas. Fazer o corpo sem órgãos da consciência e do amor. Servir-se do amor e da consciência para abolir a subjetivação: “para devir o grande amante, o magnetizador e o catalisador, é preciso antes de tudo viver a sabedoria de não ser senão o último dos idiotas”. Servir-se do Eu penso para um devir-animal e do amor, para um devir-mulher do homem. Dessubjetivar a consciência e a paixão. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.94-95)

1.1 IMANÊNCIA E AGENCIAMENTO

Os planos de imanência extraem junto ao caos os elementos que lhes servem, que agenciam. Um plano é uma rede de agenciamentos.

Na desterritorialização as singularidades são agenciadas. As singularidades são as exterioridades dos elementos. Formas de existir, sujeitos e sociedades são produções maquinicas da fábrica de desejos, experimentações afectivas nos encontros com as exterioridades /singularidades dos seres, coisas, aparelhos.

Os sistemas são acoplados a um território, o desejo se compõe com os modos de vida, é agenciado.

Todo agenciamento é territorial.

Uma bolsa traz uma cor, uma função, uma textura, um *status* e outras exterioridades que quando são retidas na máquina, territorializam o desejo nos elementos do encontro, físico-químicos-biológicos, sociais, imaginários entre outros.

Desejar é construir um agenciamento, construir conjuntos.

Nunca se deseja apenas algo, mas uma paisagem onde o “algo” está inserido.

Forma-se um mapa dos agenciamentos, uma cartografia de desejos.

Ao encontrar coisas, obras, música, quadro ou um filme, nosso desejo é territorializado.

O desejo corre entre os estados de coisas, enunciações, territórios e movimentos de desterritorializações.

O agenciamento é tetravalente, se divide entre territorialidade e linhas de desterritorialização/fuga, e conteúdo e expressão, que abrem a outros agenciamentos.

No agenciamento territorial maquínico de corpos, temos a trama dos corpos na sociedade, corpo e terra, corpo e cosmo, homem e animal, cavaleiro e cavalo etc., conteúdo.

O agenciamento territorial de enunciação coletiva se efetua no *socius* e diz respeito a um regime de signos, linguagens, enunciados e palavras de ordem, expressão.

“Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais. ”
(DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p.45).

No nível do desejo e da enunciação coletiva, temos construção e desconstrução das ideias relativas ao trabalho, repouso, amores, protestos e indignações que captura os sujeitos, enunciados e enunciação como peças de uma máquina (DELEUZE & GUATTARI, 1977).

Neste agenciamento horizontal, temos o agenciamento de conteúdo, maquínico de corpos, de ações e paixões, mistura de corpos um reagindo sobre o outro e temos o agenciamento de expressão, coletivo de enunciação, regime de signos, de atos e enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos.

Não existe enunciado individual, nunca há.

Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por “agentes coletivos não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades). (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p.66)

Um grito: Direito de errar!

Pensar é escutar a vida.

No nível das territorialidades e fugas, temos territórios que organizam os seres, seus comportamentos e investimentos, nos tempos e/ou espaços, sejam eles sociais, culturais, etc. Viver às margens do Rio Capibaribe e sentir o Rio, apropriar-se dele. Um espaço vivido e um sistema percebido onde as minorias se sintam “em casa”, um espaço/sistema de-fora dos modelos dominantes.

Quais territorialidades organiza a minoria?

O gesto de cada um?

Quais reviravoltas comunicam?

Quais dúvidas produzem?

Relações imperceptíveis?

Pessoas invisíveis?

Chamamentos rápidos?

Mortes singulares?

Escape aos anunciantes?

Filmes banais?

Qual o seu charme?

Arquitetura precária?

Imunidade?

O que escrevem?

Uma música?

Uma poesia?

Uma dança?

Um alimento?

Um grito?

O sexo?

Cores?

Em quais territórios a minoria se reconhece?

*“ (...) dou uma volta pelo meu território e tiro o pó dos móveis.
(...) Volto para o meu território, que eu conheço, ou então me
desterritorializo, ou seja, parto, saio do meu território”
(DELEUZE, 1988)*

2. DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÕES

A desterritorialização sempre parte de um território e envolve uma reterritorialização imediata. O processo desterritorialização/reterritorialização é um processo sempre duplo, “líquido” e não localizável no tempo.

Um território é um ato, afeta meios e ritmos que os “territorializa”, é formado por pedaços de “meios”. Um animal de território tem os meios e ritmos exteriores territorializados.

Os componentes do meio devem dimensionais, não uma direção ou função, mas uma expressão (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p,127). A cor de um pássaro, por exemplo, ligada a sexualidade, transita numa constância temporal e alcance espacial tornando uma marca territorializante. Os pássaros esbranquiçados são gregários, sem marca-cor expressiva para fazer o território. Os animais de território os constituem a partir de determinações do ambiente, um movimento de cor, de som ou uma linha que são tomadas como suas.

Passa um rio diante de mim?

O que move e é movido pela minoria?

A água se move no movimento dos peixes?

As velocidades infinitas imanes tomam os animais?

Deleuze & Guattari (2012b, p139), nos trazem que o território é, ele próprio, lugar de passagem. O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial. Enquanto ato e lugar de passagem, um território só existe no verbo, territorializar, desterritorializar e reterritorializar, por isso também se liga ao devir, lugar-movimento.

A formação do território antecede funções, permite a transição de uma função a outra, criação de funcionamentos e potências. Num território pode decorrer uma agressividade, mas não a agressividade formar um território, a agressividade é uma novidade prática.

Temos o expressivo, o território, depois o possessivo, um domínio, marca ou assinatura e uma morada.

O vermelho é a cor da esquerda? Marca da minoria?

A terra é a manifestação de suas forças interiores e exteriores, relacionadas ao caos, podem estar numa montanha, floresta, água, vegetação, num pássaro e num peixe. É difícil a distinção do que pertence à terra e o que é sua expressão. Ritos e religiões?

A terra é o corpo a corpo das suas forças interiores e das exteriores do caos. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.136-137)

Nele ou fora dele, o território remete a um centro intenso que é como a pátria desconhecida, fonte terrestre de todas as forças, amistosas ou hostis, e onde tudo se decide. Portanto, devemos também aqui reconhecer que a religião, comum ao homem e ao animal, só ocupa o território porque ela depende do fator bruto, estético, territorializante, como sua condição. É este fator que organiza as funções de meio em trabalhos e, junto com isso, liga as forças do caos em ritos e religiões, forças da terra. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.136-137)

Somos seres da terra?

O que excede a vida nos terrorifica?

A territorialidade é do nível da descodificação, animais tanto mais territoriais, mais descodificados. A diferenciação entre essas espécies se dá de forma indireta, a territorialidade instaura uma distância intraespecífica. Os biólogos falam de genes livres como matéria para variação.

Se é verdade que cada meio tem seu código, e que há incessantemente transcódificação entre os meios, parece que o território, ao contrário, se forma no nível de certa descodificação. (...) a territorialização é fator que estabelece nas margens do código de uma mesma espécie e que dá aos representantes separados desta espécie a possibilidade de se diferenciar. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.138-139)

A minoria não segue modelos ou padrões, mas se reconhece. Um território indeterminado é a base a partir da qual há diferenciações menores.

Territorialidades de minoria.

Qual condição é base indeterminada para a minoria? Homem?

O que a minoria reconhece em Zizo?

A poesia? O ato de escrever? O sonho?

As forças de desterritorialização trabalham o próprio território, fazem passar do agenciamento territorial a outros tipos de agenciamento, de corte ou de sexualidade, de grupo ou de sociedade.

O ritornelo nos aparece como um *conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais, são motores, gestuais, ópticos*, são dois agentes dessas forças, dois agentes de desterritorialização. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.139-142)

“(...)o intragenciamento, o agenciamento territorial, territorializa funções e forças, sexualidade, agressividade, gregarismo, etc., e os transforma, territorializando-os. Mas essas funções e forças territorializadas podem ganhar com isso mais autonomia que as faz cair em outros agenciamentos, compor outros agenciamentos desterritorializados. ” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.142-143)

Os intragenciamentos e interagenciamentos são conversores de agenciamentos, a pressão seletiva passa por interagenciamentos. Um território está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, em vias de passar a outros agenciamentos, mesmo que o outro agenciamento opere uma reterritorialização ao se apropriar de “algo”. O “algo” “vale” pelo “em-casa”. Domínio do ter.

Vimos que o território se constituía numa margem de descodificação que afeta o meio. A margem de desterritorialização afeta o próprio território. É uma série de desengates. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.144)

O artista diz que este mundo teve diferentes aspectos, tem diferentes aspectos em outros planetas e que terá outros aspectos com a ajuda do “povo”. Sempre falta um povo.

O artista torna visível o que não é visível.

O que Zizo vê?

O que vemos que Zizo vê?

Zizo encerra-se no filme?

Quais agenciamentos proliferam com Zizo?

Sempre falta um povo.

A terra é sempre a mais desterritorializada.

Reterritorializações em bando?

Oscilações do povo cósmico?

Quais os sonhos da terra?

Como habitar a terra?

Habitar como poeta ou como assassino?

O assassino é aquele que bombardeia o povo existente, com populações moleculares que não param de tornar a fechar os agenciamentos, de precipitá-los num buraco negro cada vez mais vasto e profundo. O poeta ao contraio, é aquele que solta as populações moleculares na esperança que elas semeiem ou mesmo engendrem o povo por vir, que passem para um povo por vir, que abram um cosmo. Virilio in DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.172-173)

A desterritorialização é operada no devir, é o movimento de abandonar territórios extraíndo subcódigos territoriais das zonas de descodificação dos meios e se reterritorializar.

Reterritorializar implica em desterritorializar, deixar um território e ocupar outro através de agenciamentos.

O descodificado, subcódigo ou fragmentos de códigos existentes nos meios, trazem territorialidades, possibilidade de novos territórios que agenciam. Os novos territórios tornam própria a habitação de alguém, meio e organismo, ultrapassa o “marcar território de um organismo”.

O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.232).

A redundância das existências, sujeitos e sociedades denunciam a alienação teleguiada e as padronizações tiranas dos encontros. Uma pobreza de criação desejanter, de novas experimentações junto às linguagens da Natureza e da Cultura.

Ao pensar a cultura como territorialidade da língua e está dotada de infinitas potencialidades subjetivas, temos as linguagens “culturais” que expressam territorialidades da maioria e também singulares, sendo a última a que nos interessa. O devir menor da linguagem. Criação de sintaxes, tonalidades e movimentos e sons.

Nesse sentido, coisas e obras, uma poesia, filme ou personagem, música ou quadro não servem a uma tarefa, mas a devires. O devir é o local de desterritorialização, possibilidade de se relançar as experimentações, desestabilizar agenciamentos e se abrir a outros. Buscar o encontro com as singulares obras e coisas relaciona-se ao encontro extra-ordinário com as territorialidades de minoria.

Em que sentido Febre do Rato foge à ordem dos anunciantes?

O que nos diz o Rio Capibaribe?

Quais agenciamentos temos no encontro com o Rio e com o Filme?

Voltando a tetra valência do agenciamento.

Num agenciamento vertical por um lado temos uma territorialidade flexível e marginal, isto é itinerante, arrastadas por novos agenciamentos, reterritorializações estabilizadoras, ou seja, que compensam as desterritorializações. A reterritorialização pode ser feita sobre um ser, objeto, livro, aparelho ou sistema.

Nesse eixo, temos ainda as linhas de fuga, os picos de desterritorialização que arrebatam os agenciamentos abrindo a outros agenciamentos. Os conteúdos e expressão são indistintos, as matérias não formadas e funções desestratificadas, decodificadas. Desta forma, não há esgotamento dos agenciamentos em estratos ou em fenômenos de espessamento do Corpo da terra composto por meios codificados, substâncias formadas. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.230)

Os estratos não se esgotam na matéria, no organismo ou nesta sociedade, sejam eles físico-químicos, orgânicos ou antropomórficos. Um agenciamento é a produção de desejo. Desejo e delírio. O desejo é cósmico, múltiplo e implica experimentação. Encontro com a Terra do povo por vir, o fim do mundo, o anti-Édipo ou o anti-Cidadão.

Os estratos físico-químicos não esgotam a matéria, existe Matéria não formada, submolecular. Os estratos orgânicos não esgotam a Vida, o organismo é o que a vida se opõe para limitar-se. Os estratos antropomórficos. Não esgotam o Homem. Os estratos sociais não esgotam a organização humana. Devires não humanos do homem extravasam por todos os lados. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c)

Deleuze e Guattari (1977) trazem que os desejos são o conteúdo dos agenciamentos maquínicos de corpos. Os agenciamentos maquínicos de corpos se constroem nas relações destes com outros corpos e pelo atravessamento de regras, princípios e valores ditados aos corpos pela sociedade através das linguagens, paralisando e/ou libertando.

O não enquadramento em “determinados territórios” da moralidade e sexualidade, podem bastar ao “ódio” daqueles que os tem como morada. Tais territórios podem se expressar em diferentes formas, geográficas, urbanas, comerciais, políticas etc., e frequentá-los pode incitar a ira dos dominantes.

Por conseguinte, mesmo que os objetivos não sejam ocupar territórios da maioria, as minorias se expressam ocupando políticas, cidades, ruas, praias ou as margens do rio.

Movimento menor de desenclausuramento da Natureza e da Cultura que atua no nível dos desejos e da desconstrução de ideias alienantes. Ideias relativas ao trabalho, repouso, amores, protestos e indignações onde se dá a captura de corpos, dos sujeitos, enunciados e enunciação como peças de uma máquina.

Assim, a desterritorialização e a máquina desejante tem como condição o devir, enquanto movimento de desejos. Todo devir é minoritário.

A enunciação coletiva, a expressão, relaciona-se a língua e a seus signos, mas também são atravessados pelos desejos e vice-versa.

Os expressos são a forma da expressão, são incorpóreos e o conteúdo tem uma outra forma, os corpóreos, que são a trama dos corpos. Um conteúdo entra em relação com a expressão, se comunicam, interferem-se reciprocamente, *por conjugação de seus quanta de desterritorialização relativa*. ((DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p. 30).

É numa zona de desterritorialização que a palavra e o corpo coexistem, onde podem encontrar toda sua potência de criação, velocidades e lentidões, suas partículas em si mesmas, que agem e sofrem. Escapar das subjetivações e significâncias tiranas.

(...)as expressões ou os expressos vão se inserir nos conteúdos, não para representá-los, mas para antecipá-los, retrocedê-los, retardá-los ou precipitá-los, destacá-los ou reuni-los, recortá-los de um outro modo. (...) uma maneira cujas expressões se inserem nos conteúdos, por meio da qual se salta sem cessar de um registro ao outro, cujos signos trabalham as próprias coisas, ao mesmo tempo em que as coisas se estendem ou se desenrolam através dos signos. Um agenciamento de enunciação não fala

“das coisas”, mas fala diretamente os estados de coisas ou estados de conteúdo, de tal modo que um mesmo x, uma mesma partícula, funcionara como corpo que age e sofre, ou mesmo como signo que faz ato, que faz palavra de ordem, segundo a forma na qual se encontra (como no conjunto experimental da física. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.29)

De um lado, os incorpóreos, são acontecimentos do pensamento-linguagem, que ao expressarem criam/intervém atributos incorpóreos aos corpos, por exemplo “enrubescer” para um corpo, independente de uma qualidade corpórea como por exemplo “vermelho”.

Ao emitir suas palavras de ordem uma linguagem torna redundante o ato da fala e o enunciado, uma “obrigação social”, além dos comandos. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo, direta ou indiretamente, trazem a palavra de ordem seja numa pergunta ou promessa.

A linguagem é redundante, ora o enunciado realiza um ato e ora o ato se realiza num enunciado.

Ordens das mais distintas, de uma torcida de futebol, vindas da mídia ou de outros meios que elas ditam, por exemplo:

O que é necessário pensar? Você não é mais criança! Ganhamos!

O corpo tem um desenvolvimento biológico, mas as transformações incorpóreas vindas dessa ou daquela sociedade, acrescentam maioridades e inatividades, podendo “retirar” infâncias as multiplicidades inerentes às crianças.

Quais os sentidos do choro, lamento ou grito de uma criança qualquer?

O que perdemos ao nos reterritorializarmos em adultos?

O que querem os personagens de Febre do Rato ao pronunciar:

Direito de errar?

Agenciamento de enunciação coletiva, expresso de um enunciado coletivo, transformações incorpóreas em curso numa sociedade e que se atribuem aos corpos dessa mesma.

Por outro lado, as ações e paixões, são corpóreos, conteúdos que afetam os corpos. A palavra corpo com o sentido mais geral ou corpos morais, corpos em alma etc. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.19)

A História nos comunica de uma certa maneira as ações e paixões dos corpos que se desenvolvem em um campo social. Ao mesmo tempo, a história nos transmite as palavras de ordem, isto é, os atos puros que se intercalam nesse desenvolvimento. Intrinsecamente é narrado o futuro da história, que em nada se parece com o devir das minorias. Qual a ideologia da minoria?

A história não se desembaraça das datas. Talvez seja a economia, ou a análise financeira, que melhor mostre a presença e instantaneidade desses atos decisórios em um processo de conjunto (é por isso que os enunciados certamente não fazem parte da ideologia, mas já operam no domínio suposto da infraestrutura). (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.21)

Benveniste (in DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.21-22) mostra que um “enunciado performativo não é nada fora das circunstâncias que o tornam o que é.”

Por exemplo em “eu te amo” os agenciamentos são submetidos a diferentes circunstâncias, permanece instantaneamente a ordem na enunciação, mas para outro sujeito ou destinatário.

Em quais circunstâncias não-modeladas a minoria pode se expressar?

A função-linguagem é transmissão de palavras de ordem, e as palavras de ordem remetem aos agenciamentos, como estes remetem às transformações incorpóreas que consistem em variáveis da função. A linguística não é nada fora da pragmática (semiótica ou política) que define a efetuação da condição da linguagem e o uso dos elementos da língua. (DELEUZE & GUATTARI, 2012D, p.27)

As variáveis de expressão e conteúdo, linguísticos e não-linguísticos fazem gaguejar uma língua. A conjunção “e”, dos loucos e das crianças, marginal, age na linguagem colocando tudo em variação, *linhas de cromatismo generalizado*. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.45)

Na desterritorialização da linguagem a máquina abstrata traça linhas que agenciam, negociando as variáveis para a variação. Interdependência da máquina e do agenciamento. Fluxos sob as palavras de ordem que permitem atravessá-las.

Libertar as significâncias e subjetivações dos modelos de poder?

O signo significante remete ao signo, seu conjunto ao significante, a semiótica correspondente afeta os elementos do signo (fonemas, letras, grupos de letra), desterritorialização negativa.

O signo subjetivo rompe sua relação de significância com o signo, mas permanece redundante em segundo grau, se expressando no buraco negro da consciência e da paixão, se enxertando na significância, desterritorialização positiva. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.93-94)

Na consciência obedecemos aos enunciados da realidade dominante, enquanto sujeito da enunciação na realidade mental, tornamos “*escravo de si mesmo*” (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.89).

Nos dois casos, as formas de subjetivação e significância são estratificadas, aprisionadas ao sistema de poder: Na interpelação de Althusser:

A subjetivação como regime de signos ou forma de expressão remete a um agenciamento, isto é, a uma organização de poder que já funciona plenamente na economia, e que não vem a superpor a conteúdos ou a relações de conteúdos determinados como reais em última estância. O capital é um ponto de subjetivação por excelência. (In DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.90)

No desaparecimento do rosto, redundância formal do significante, temos a entrada no regime dos devires:

É, em si mesmo, todo um corpo: é como o corpo do centro de significância no qual se prendem todos os signos desterritorializados, e marca o limite de sua desterritorialização. (...) o rosto é o Ícone próprio ao regime do significante, a reterritorialização interior ao sistema. O significante se reterritorializa no rosto. (...) inversamente, quando o rosto desaparece, quando os traços de rostidade somem, podemos ter certeza que entramos em um outro regime, em outras zonas infinitamente mais mudas e imperceptíveis onde se operam os devires-animais, devires-moleculares subterrâneos, desterritorializações noturnas que transpõem os limites dos sistemas significantes. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.68-69)

A máquina abstrata de rostidade assume um papel de resposta seletiva ou de escolha: dado um rosto concreto, a máquina julga se ele passa ou não passa, se vai ou não vai, segundo as unidades dos rostos elementares.

A cada instante, a máquina rejeita rostos não-conformes, com ares suspeitos ou reincidentes. A reincidência e do nível da escolha e da intolerância. Um rosto só é aceitável num determinado lugar, condição e, diríamos, um território. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.49-50)

Se o rosto é o homem branco médio qualquer, as primeiras desvios, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria.

Os rostos destoantes serão inscritos no muro, distribuídos pelo buraco. Devem ser heterossexualizados, esbranquiçados, isto é, rostificados.

No filme Febre do Rato temos o aparecimento de diversos rostos não aceitáveis pelo poder dominante, independente do enredo os personagens são por si próprios, minorias.

Há também um rosto para o Rio Capibaribe, é o rio do esgoto, das doenças, da urina e dos corpos putrefatos, no sentido estrito da palavra. A Natureza como “máquina de lavar” e serva do Homem.

O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até a extinção daquilo que não se deixa identificar ou do que se deixa identificar por um desvio. A crueldade do racismo é a expressão de sua incompetência ou ingenuidade.

Só se podem construir cadeias significantes procedendo por elementos discretos, digitalizados, desterritorializados com a condição de dispor de uma tela semiológica, de um muro que os projeta. Só se podem operar escolhas subjetivas entre duas cadeias ou a cada ponto da cadeia, com a condição de que nenhuma tempestade exterior arraste as cadeias e os sujeitos. Só se pode formar uma trama de subjetividades se se possui um olho central, buraco negro que capturaria tudo o que excedesse, tudo o que transformasse os afetos atribuídos não menos do que as significações dominantes. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.52)

A língua está sempre presa a um rosto. Os rostos produzidos pela linguagem tornam-se mensagens. As dicotomias e os tipos de arborescências traçados fazem funcionar o significante e o subjetivo, retornando a eles na linguagem.

As paisagens também são necessidades, assim como o rosto, essa semiótica procura destruir as multiplicidades primitivas, plurivocidade, rizoma etc.

“uma criança que corre, que brinca, que dança, que desenha não pode concentrar sua atenção na linguagem e na escrita, ela tão pouco será um bom sujeito”. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.53-54)

Um rosto remete a uma paisagem, lembra um quadro ou uma frase..., é toda uma política, formações despóticas de significância que esmagam e imperam sobre outras semióticas. A rostidade é povoada por olhos ou buracos negros, agenciamentos autoritários.

Quanto mais um buraco é margeado, mais o efeito da margem é o de aumentar a superfície na qual ele desliza. Dá-se a essa ampliação uma força de captura maior. Os déspotas e seus representantes estão em toda parte, há sempre umas “bochechas brancas” ou um elemento substancial do significante.

Os olhos, subjetividades refletidas dos dominantes, devem ser atravessados a nado. Um rio.

Desrostificar é desfazer políticas.

Ao conhecer os rostos podemos desfazê-los. Relançamento das partículas do rosto para que se liguem aos devires e linhas de fuga.

Fugir e arrastar a arte.

Os chineses ultrapassam um muro com o devir-animal, flor, rochedo, imperceptível, duro...:

É uma questão de velocidade, mesmo sem sair do lugar. É isso também desfazer o rosto ou, como dizia Miller, não mais olhar os olhos nem nos olhos, mas atravessá-los a nado, fechar seus próprios olhos, e fazer de seu corpo um raio de luz que se move a uma velocidade cada vez maior? Para isso são necessários, sem dúvida, todos os recursos da arte, e da mais elevada arte, é necessário toda uma linha de escrita, toda uma linha de picturalidade, toda uma linha de musicalidade...pois é pela escrita que devimos animais, é pela cor que devimos imperceptíveis, é pela música que devimos duros e sem recordação, ao mesmo tempo animal e imperceptível: amoroso. Mas a arte nunca é fim, é apenas instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos os devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão sobretudo arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rosto. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c p.63)

O aparelho de Estado funciona na circularidade dos enunciados. Abolir um enunciado-expressão indo contra uma abstração universalizante, “comer o morto” é tornar-se “mais um que o Estado não terá”.

“Várias formas e várias substâncias de expressão se entrecortam e se alternam. É uma semiótica segmentar, mas plurilinear, multidimensional, que combate antecipadamente qualquer circularidade significativa.” (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.72-75)

O grau de desterritorialização do signo, nas segmentaridades, remete ao confronto de territorialidades e de segmentos de onde são extraídos, um campo ou uma savana.

No regime pós significantes temos o “delírio dos atos” numa relação com o fora, emoção, esforço e ação. Delirar a Terra Nova.

Exemplos de segmentos lineares podem ser notados em Kafka, processo-pai, processo-hotel, processo-barco, processo tribunal...

Os nômades guerreiros também possuem uma semiótica de máquina de guerra que se ergue contra o Estado, num regime contra signifiante, seu número abstrato enquanto signo numérico:

Um signo numérico que não é produzido por nada exterior a marcação que o institui, marcando uma repartição plural e móvel, estabelecendo ele mesmo funções e correlações, procedendo a arranjos mais que a totais, a distribuições mais do que a coleções, operando por corte, transição, migração e acumulação mais do que por combinação de unidades, um tal tipo de signos parece pertencer a semiótica de uma máquina de guerra nômade, dirigida por sua vez, contra o aparelho de Estado. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.73)

Uma máquina abstrata não distingue conteúdo e expressão, traça só um plano de consistência. Uma máquina diagramática é pura forma função, assegurando uma conexão.

Não se pode dizer se é partícula ou signo, mas devem ser distinguidos do índice. O índice é signo de território, o ícone é o signo de reterritorialização e os símbolos são signos de desterritorialização relativa ou negativa. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.105)

No agenciamento diagramático temos a expressão e conteúdo mais desterritorializados. O diagrama constrói um real porvir que antecede a história. O diagrama não é axiomático. A máquina abstrata extrai e acelera signos-partículas desestratificados, passagem ao absoluto. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.109)

Numa experiência diagramática., agenciamento maquínico, a significância e a interpretação, a consciência e a paixão podem se prolongar, mas ao mesmo tempo se abrir a tais agenciamentos.

Na verdade, não são os enunciados que remetem as proposições, mas o inverso. Não são os regimes de signos que remetem a linguagem, e tampouco linguagem constitui por si mesma uma máquina abstrata, estrutural ou gerativa. É o contrário. É a linguagem que remete aos regimes de signos, e os regimes de signos às máquinas abstratas, às funções diagramáticas e aos agenciamentos maquínicos, que ultrapassam qualquer semiologia, qualquer linguística e qualquer lógica. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d p.113)

2.1 TEOREMAS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO

Segundo Deleuze e Guattari (2012b, p.95) há três tipos de desterritorialização:

1. Relativa - leva a significância;
2. Absoluta negativa - surge na subjetivação
3. Absoluta positiva - no plano de consistência ou corpo sem órgãos

Temos ainda, segundo esses autores, oito teoremas de desterritorialização:(DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.45-46)

Os três primeiros trazem que, no mínimo, sempre há dois termos envolvidos que se reterritorializar um sobre o outro.

As reterritorializações podem ser horizontais quando o elemento desterritorializado serve de territorialidade. Pode ser vertical, quando o menos desterritorializado se reterritorializa sobre o mais desterritorializado.

As desterritorializações podem ser relativas e de primeiro grau quando transcodificam o corpo Uno no espaço estriado, o *socius*. Podem ser absolutas e de segundo grau quando sobrecodificam o corpo múltiplo no espaço liso turbilhonar, o pensamento-criação.

Segundo o teorema da desterritorialização vertical, as relativas se reterritorializam sobre as absolutas.

Desterritorializações absolutas são negativas quando passam de um estrato ao outro, por exemplo, o bloco cabeça-rostos passa do estrato de organismo para os de significância ou de subjetivação. Podem ser positivas quando permanecem nos estratos.

As desterritorializações relativas, podem ser negativas quando compensadas por reterritorializações que apontam territórios *sobre* os antigos. Podem ser positivas quando se segmentarizam, mantendo um papel secundário, reduzindo as linhas de fuga.

Os cinco teoremas restantes trazem que a desterritorialização é sempre dupla. Implica a coexistência de uma variável maior e uma menor, que estão ao mesmo tempo em devir. Dessa forma os termos são arrastados num bloco assimétrico, um não muda menos do que o outro, e que constitui sua zona de vizinhança.

A dupla desterritorialização não métrica permite determinar uma força desterritorializante e uma desterritorializada onde o menos desterritorializado faz mover a desterritorialização sobre ele.

Temos vizinhança entre conteúdo e expressão.

No exemplo, podemos citar o devir mulher como conteúdos musicais, o devir do som musical e o som não musical, como ritornelo. O desterritorializante tem o papel relativo de expressão e o desterritorializado tem o papel relativo de conteúdo (ex. Arte).

No último teorema, o agenciamento não tem as mesmas forças ou as mesmas velocidades de desterritorialização que um outro e a cada vez é preciso calcular os índices e coeficientes conforme os blocos de devir considerados e as mutações da máquina abstrata. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.115-116)

(...)as minorias são estados que podem ser definidos objetivamente, estados de língua, etnia, de sexo, com suas territorialidades de gueto; mas devem ser consideradas também como germes, cristais de devir, que só valem enquanto detonadores de movimentos incontroláveis. E de desterritorializações da media ou da maioria. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.56)

3.DESTERRITORILIZAÇÃO E DEVIR MINORITÁRIO

A desterritorialização é operada no devir, o devir não é mudança, mas um movimento que envolve o abandono de territórios. Enquanto processo, para DELEUZE & GUATTARI, “todo devir é minoritário”. Os elementos abandonados são reterritorializados na minoria de forma potencial e criativa.

As territorialidades de minoria dizem respeito as pessoas em sua própria realidade de minoria, da impossibilidade da vida modelada pelo Poder.

Desterritorializamos num devir, mas reterritorializamos num estado ou conjunto, numa minoria.

“Até os negros, diziam os Black Panthers, terão que devir negro. Até as mulheres terão que devir-mulher...” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.93).

Ao entrar num devir minoritário somos arrancados de uma identidade maior, de homem, para um sujeito de devir.

O devir minoritário mulher não é propriedade das mulheres, nem tampouco o devir minoritário criança é das crianças. É preciso que a mulher, o homem, a criança e o adulto tornem possível o devir, que o maior devesse menor, que se coloque em conexão. É preciso o sujeito de devir.

Ao tornar possível o devir, temos a criação de estados menores dentro da maioria não subordinados à dominação. Um estrangeiro criado no território maior. Por exemplo, um branco no devir índio, o branco é desterritorializado da “maioria branco” e reterritorializado no devir menor índio. Uma língua menor também é um caso político de resistência à língua maior, veremos ao final deste capítulo.

Os elementos da minoria em devir são indefiníveis em relação a maioria, que supõe um estado de dominação e nada tem com as quantidades, mas com o Direito ou o Poder do homem. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.56)

Só há um termo ativo ao devir enquanto variável desterritorializante de uma minoria e um sujeito desterritorializado da maioria, o devir minoritário só existe através desse termo *medium*.

O devir é um meio, um acelerado que não procura conquistar a maioria. É um caso político, *branco no devir negro para não ser fascista!*

Um devir minoritário só existe através de um termo medium e de um sujeito desterritorializado que são como seus elementos. Só há sujeito do devir como variável desterritorializada da maioria, e só há termo medium do devir como variável desterritorializante de uma minoria. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.93)

A maioria não se distingue pela quantidade, o homem é maioria mesmo se houverem mais moscas, é do domínio do Poder e da Dominação, de Ninguém. O devir minoritário é desvio, imprevisto, potência criativa, revolucionário e figura universal da consciência humana, a autonomia.

Zizo, ao escrever e promover reviravoltas resiste à dominação. Entra num devir menor e forma conjunto com outros personagens que estão em menoridade na sua relação com o Poder. É o devir menor desses outros personagens que permite formar conjunto com Zizo e responder ao “chamamento rápido” do poeta. Zizo, enquanto “desvio” da sociedade torna-se “todo mundo”.

Pois, a maioria, na medida em que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém. -Ulisses-, ao passo que a minoria é o devir de todo mundo, seu devir potencial por desviar do modelo. Há um “fato” majoritário, mas é o ato analítico de Ninguém. Que se opõe ao devir-minoritário de todo mundo. É por isso que devemos distinguir: majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo. O problema não é nunca de obter a maioria, mesmo instaurando uma nova constante. Não existe devir majoritário, maioria não é nunca um devir. Só existe devir minoritário. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.56)

O devir de “todo mundo” da minoria é possível porque esta traz os elementos das multiplicidades, do múltiplo infinito. As minorias não pertencem a um conjunto ou a outro, como se houvesse um conjunto “não-branco” ou “não-homem”, não são traduzíveis, axiomatizáveis, são multiplicidades e é o devir de todo mundo.

Desta forma, a potência da minoria está no seu movimento, resistindo ao Poder por outros caminhos.

A minoria resiste a axiomática mundial do capitalismo, dos conjuntos numeráveis, deslocando-os. Para os autores, a potência das minorias não se mede por:

(...) sua capacidade de entrar e de se impor no sistema majoritário, nem mesmo de rever o critério necessariamente tautológico da maioria, mas de fazer valer uma força dos conjuntos não numeráveis, por pequenos que eles sejam, contra a força dos conjuntos numeráveis, mesmo que infinitos, mesmo que revertidos ou mudados, mesmo que implicando nos axiomas ou, mais que isso, uma nova axiomática. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.187-188)

O devir atravessa e é atravessado pelos movimentos de vida.

O devir, passa pelos sujeitos capturando-os ao processo imanente. Os devires estão envolvidos nos processos que levam os sujeitos a mudarem de estado, a mudarem seus elementos. (DELEUZE, 1990, p. 231).

Uma singularidade é um acontecimento.

Acontecimentos, a proliferação de modos existenciais e de vida coexistem preenchendo com mobilidades singulares os planos de imanência.

O devir é um conceito-força, movente como a vida.

O devir é o local-movimento da desterritorialização, porque não há desterritorialização sem reterritorialização.

O homem é uma multiplicidade, conjunto de velocidades infinitas. Ao mudar de elementos devem animal ou qualquer outro devir minoritário, mulher, criança, negro, índio, guerreiro etc. O animal devindo não é o animal em si. Tampouco se torna índio, mas é em devir que chegamos aos limites, ao devir índio do índio, do que ele pode ser.

Na multiplicidade do homem temos a sua inumanidade. Um animal, ao desterritorializar pode reterritorializar na inumanidade do devir homem. Devires inumanos, vividos fora do corpo programado, no corpo menor, sem órgãos.

Na multiplicidade do animal temos a sua animalidade. Um homem, ao desterritorializar pode reterritorializar na animalidade do devir animal. O homem reconhece velocidades infinitas do animal, na sua relação animal com o animal. A espreita é um afecto, reconhece-se a animalidade, ou ainda o dinamismo no comportamento de matilha. O território da morte do animal coexiste com o do homem. Abandonamento de corpos.

Toda mudança envolve um devir, um movimento sem começo, fim, saída, chegada, origem ou destino. O devir é um acelerado, velocidade absoluta, uma linha de fuga que passa *entre dois* ou meio arrastando pontos relacionados de forma indiscernível.

Entre-dois, o meio, vizinhança-fronteira, zona de descodificação ou desterritorialização. O devir é o *não-localizável* onde os movimentos assimétricos formam bloco, coexistem numa linha sem se misturarem. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.96)

A velocidade transforma a linha em ponto, rápido, mesmo parado. O entre as coisas não é correlação-localizável que vai de uma para outra, mas um *movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.* (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p.149)

Os pontos, desterritorializados pela/na linha, podem capturar os componentes moleculares das coisas e/ou seres em-bloco. Os códigos dos pontos desterritorializados passam a coexistir pelo movimento de desterritorialização.

Uma vespa desterritorializada de sua reprodução, reterritorializa capturando um código-peça do aparelho de reprodução da orquídea para seu orgasmo. A orquídea em desterritorialização é tomada pelo código-imagem da vespa disperso no bloco e reterritorializa devindo objeto do orgasmo.

Com o movimento da linha-bloco temos a formação de devires entre coisas. Aos seres como vespas e orquídeas, precipita a pressão seletiva e a conectabilidade de moléculas forçando a co-captura de códigos entre-pontos.

A linha, ou o bloco, não liga a vespa a orquídea, como tampouco as conjuga ou a mistura: ela passa entre as duas, levando-as para uma vizinhança comum onde desaparece a discernibilidade dos pontos. O sistema linha (ou bloco) do devir opõe-se ao sistema-ponto da memória. O devir é um movimento pelo qual a linha libera-se do ponto, e torna os pontos indiscerníveis: rizoma, oposto da arborescência. O devir é uma antimemória. Sem dúvida há uma memória molecular, mas como fator de integração a um sistema molar ou majoritário. A lembrança tem sempre uma função de reterritorialização. Ao contrário, um vetor de desterritorialização não é absolutamente indeterminado, mas diretamente conectado nos níveis moleculares, e tanto mais conectado quanto mais desterritorializado: é a desterritorialização que faz “manter-se” juntos os componentes moleculares. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.96-97)

Uma multiplicidade que muda de elementos, devem. Um lobo é uma multiplicidade, no devir lobo, os sujeitos devem matilha, mundanidade, uma linha de fuga. Lobiferação.

Linhas de fuga ou de desterritorialização, devir-lobo, devir-inumano, intensidades desterritorialização - é isto a multiplicidade. Devir-lobo, devir-buraco, é desterritorializar-se segundo linhas distintas emaranhadas. (DELEUZE & GUATTARI, 2012e, p.59)

Um bloco de animalidade desterritorializa os reinos trazendo territorialidades para cachorros e gente.

Uma matilha não tem nada a ver com sociedade, Estado ou família, mas com uma potência. Não há sentimento pessoal ou qualquer característica. São afectos, não comporta sentimentos familiares ou subjetivados, nem características específicas ou significativas. Tanto as ternuras quanto as classificações humanas lhe são estrangeiras. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.28)

Um devir não produz outra coisa senão ele próprio, não tem estrutura ou correspondência de relações, não tem termo ou sujeito.

Não há um termo animal devindo que passa aquele que devem, mas um bloco real de devir.

Mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomando num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro. É o princípio de uma realidade própria ao devir (a ideia bergsoniana de uma coexistência de “durações” muito diferentes, superiores ou inferiores à nossa, e todas comunicantes). (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.19)

Num bloco de devir vespa-orquídea nenhuma vespa-orquídea pode descender, mas há involução, uma linha entre os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis. Contágio. Rizoma. Não interessa se são características míticas ou científicas, mas uma lobifereração, modos de matilha.

Um escritor, escreve *no lugar de* um rato porque escrever é um devir menor, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor, mas devires-rato, devires-inseto, devires-lobo, etc. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.21).

Feitiçaria.

Na ponta da desterritorialização, temos o mais desigual, rugosidade e aspereza, o Anômalo, tal qual Moby Dick ou Josefina para devir-animal. A matilha é atingida através do Anômalo, das bordas. São fibras que passam do animal a molécula, linhas de fuga ou desterritorialização. Fluem indo de um a outro, atravessam seus limiares.

O animal, a flor ou a pedra que devimos são coletividades moleculares, hecceidades e não formas, objetos ou sujeitos molares que conhecemos fora de nós, e que reconhecemos à força da experiência, da ciência ou de hábito. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.71)

Falamos devires moleculares, a zona de vizinhança de partículas de onde se extraem velocidades, movimento ou repouso.

O devir é processo de desejo, um princípio particular, no sentido que estabelecemos relações as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através dos quais devimos.

A zona de vizinhança, é quântica no sentido que traz velocidades e lentidão pertencentes a uma molécula, algo em comum que torna impossível discernir o animal e o humano.

“À vizinhança é uma noção ao mesmo tempo topológica e quântica, que marca a pertença a uma mesma molécula, independente dos sujeitos considerados e das formas determinadas” (DELEUZE, GUATTARI, 2012b, p.67-69)

Moléculas caninas, femininas e soníferas do animal molecular, mas que também são pequenas insinuações no animal molar. É em nós que o animal mostra os dentes.

Partículas femininas, duras, suaves, obstinadas, irredutíveis e indomáveis atravessam escritas de autores como Miller e Lawrence. São devires incontrolláveis. A feminilidade desterritorializa o sexo, o homem se reterritorializa em micro feminilidades compondo um bloco no devir mulher.

A “menina exemplo” é a cilada, mas a moça universal tem nos sexos, a sexualidade passa pelo devir mulher.

“À sexualidade é uma produção de mil sexos, que são igualmente devires incontrolláveis. A sexualidade passa pelo devir mulher do homem e pelo devir-animal do humano: emissão de partículas” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.75)

A criança extrai partículas do devir-criança nas lembranças-moléculas. Não é o estatuto molar que doma a criança ou o seu organismo, mas as subjetividades recebidas.

As lembranças-memórias são discerníveis como a criança que *fomos* e o adulto que *somos*, traz a criança molar, dura ou majoritária. O devir opera na zona de indiscernibilidade do adulto e da criança, das lembranças-moléculas, faz coexistirem moléculas num bloco de infância. Um adulto e criança quaisquer.

O adulto pode reterritorializar sua percepção do real, realidades do devir e desdobramentos virtual e atual. A força criadora, imaginativa e artística do devir criança está em poder ver “o que pode o cavalo” para avaliar sua situação, se ele vai morrer antes mesmo que passe o carro.

Uma desterritorialização das idades com uma juventude universal, não a criança que *fomos*, molar, dura e pré-adulta, mas *uma* criança. Criança molecular que coexiste com o adulto, forma bloco.

A criança vê o indefinido como o individuante no coletivo, uma outra forma de se relacionar com o Cosmo. (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.55)

No devir menor trans-histórico não há necessidade de representação. O bloco História-memória desterritorializa as épocas e seus mundos e os reterritorializa no devir trans-histórico. Temos a História menor, esquecimentos, geografias, mapas e rizomas que fazem oposição à História maior. O esquecimento rejeita as lembranças e as memórias que acionam o passado.

A geografia contra a história, o mapa contra o decalque e o rizoma contra a arborescência.

Os sistemas pontuais para recuperar sua função criadora, precisam tornar-se leves e livrar-se das representações. Subordinar os sistemas pontuais às linhas, compondo-se aos blocos e a partir de aí provocar algum desvio ou criação.

“As criações são como linhas abstratas mutantes que se livraram da incumbência de representar um mundo, precisamente porque elas agenciam um novo tipo de realidade que a história só pode recuperar ou recolocar nos sistemas pontuais” (DELEUZE & GUATTARI, 2012b, p.100)

Tratar o acontecimento como devir captando sua experimentação incondicionada e ilimitada à história (DELEUZE, 2007, p45-48). Captar as singularidades, trazendo novos conceitos, inventados pelo pensamento, crítica, política e liberdade. As singularidades ou acontecimentos anônimos, nômades, impessoais, pré-individuais e os signos não preexistentes passam a ser experimentados.

O devir imperceptível ou o devir de todo mundo é o fim imanente do devir, sua fórmula cósmica.

Eliminar molaridades, fazer mundo com as linhas de um rochedo, da areia, das plantas e de um Rio. O Cosmo, como máquina abstrata e cada mundo como um agenciamento concreto que o efetua.

Eliminar tudo que excede o momento, mas colocar tudo que ele inclui, estar na hora do mundo. O devir de todo mundo é fazer mundo, fazer um mundo, através das virtudes impessoais ou assubjetivos, indiscerníveis. O assignificante, imperceptível ou anorgânico. Só podemos ver com “olhos de águia”, captar o movimento.

Nos níveis moleculares atuam os vetores de desterritorialização, quanto mais conectado, mais desterritorializado.

É a desterritorialização que faz “manter-se” juntos os componentes moleculares dos devires.

A desterritorialização, desterritorializa e faz reterritorializar a verdade, a linguagem e o pensamento. Temos assim seus devires menores:

Devir-verdade. A adequação do pensamento ao agir-ensinar pela conduta. A verdade que não se opõe ao falso, mas dá ao falso uma potência de criação que o liberta de ser negativo

Devir-pensamento. Pretender a sabedoria, sair da Filosofia permanecendo dentro. No limite com a Arte, para “ver coisas”. Fabricar ideias. Fabricar uma rede de conceitos como resistência ao pensamento da maioria. Desterritorializar conceitos e recriar funções para eles, avançar na sua compreensão. Desterritorializar a desterritorialização. Denunciar as ilusões tiranas e levar o pensamento às ruas.

Devir-linguagem. Dispositivos que se oponham ao treinamento dominante da linguagem deixando vazar tratamentos diferenciados e criativos. A linguagem como território a ser apropriado. Fabricação de histórias e personagens que possam testemunhar ou inventar as minorias. Dar a linguagem um tratamento menor, ou seja, criar uma língua dentro da própria língua. Dialeto e literatura menor.

A língua passa por um devir menor, se desterritorializa e reterritorializa numa língua menor ou não, mas sempre na relação com uma língua maior. O tratamento da língua pode extrair dela variações contínuas, no caso menor, ou permanecer extraindo variações constantes, língua maior.

A zona de desterritorialização-reterritorialização de uma língua, limítrofes e transicionais, de indiscernibilidade, onde podem operar tratamentos diferenciados, restrições e sobrecargas, uma língua menor, no exemplo de Kafka:

(...) um continuum de variação, negociando todas as variáveis para, ao mesmo tempo, restringir as constantes e estender as variações: fazer gaguejar a língua, ou fazê-la “piar”... armar tensores em toda a língua, mesmo a escrita, e extrair daí gritos, clamores, alturas, durações, timbres, acentos, intensidades. (...) um empobrecimento, um esgotamento das formas sintáticas ou lexicais; mas, ao mesmo tempo, uma curiosa proliferação de efeitos cambiantes, um gosto pela sobrecarga e paráfrase. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.53)

Para Deleuze e Guattari as línguas menores não existem em si, mas são investimentos da própria língua maior em devir, o devir menor da língua. (DELEUZE & GUATTARI, 2012d, p.54-55)

“Ora ele opera em silêncio, ora serve-se de uma voz gravada que a apresenta e, bem mais que isso, força as palavras a se tornarem imagem, movimento, canção, poema.” (DELEUZE, 2010, p.87)

Experimentar a escrita é criar dispositivos para a linguagem. Frag-movimentar é conectar palavras e imagens e ideias e ... Um novo tratamento para a expressão de encontros potenciais.

Devires menores da língua.

Em devires-outros das línguas, das imagens, das funções e dos conceitos que são signos da linguagem, do cinema, da ciência e do acontecimento, há um novo procedimento, criação de ideias, um uso menor. (DELEUZE, 2007, p.45)

“(...) que maior e menor qualificam menos línguas diferentes do que usos diferentes da mesma língua. Pois, como ele insiste em vários momentos, toda língua maior é marcada por linhas de variação contínua, quer dizer, por usos menores, como diz, por exemplo William Labov. Exemplos: Kafka, judeu, tcheco, ao escrever em alemão, faz um uso menor da língua que utiliza...” (Machado In: DELEUZE, 2010, p14)

Línguas, visões e audições no *de-fora* da linguagem, uma língua estrangeira dentro da própria língua. A linguagem é conduzida ao seu limite, injeta uma língua antiga, gagueja uma atual. Ao sobressaltar uma nova língua cria-se e adquire-se novos signos, a língua da coisa. Visão indistinguível de falas e palavras.

A literatura menor nunca é o caso pessoal. A poesia ao tratar de temas não privados ganha dimensão política e se potencializa.

Em quais circunstâncias a poesia de Zizo traz o caso das minorias?

O que torna Zizo popular?

Em Deleuze, Kafka dizia “... *que numa literatura menor, isto é, de minoria, não há história privada que não seja imediatamente pública, política, popular: toda a literatura vem a ser “o caso de um povo”, e não de indivíduos excepcionais*” (DELEUZE, 2007)

A literatura e política menores podem “*refazer fotos, refazer o poder e a lei*” (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p. 125) de dentro da língua, da política, da literatura e da Educação. Escrever é expressar a vida, os devires que passam por nós.

Os autores maiores são submetidos a um novo tratamento, atual, que busca suas potencialidades de vida e pensamento. Ao extrapolar “o uso menor popular” pode se estar no mesmo padrão, econômico majoritário, do capitalismo/consumismo.

Assim, mesmo a repetição de um texto, não é a busca de uma identidade, mas a afirmação da diferença, do duplo, da passagem de um outro “*é pensar em seu próprio nome usando o nome de outro*”.

As imagens como signos do cinema e do teatro. A Imagem-tempo é minoria, devir, força que afeta e é afetada:

“...*constitui o tempo sob sua forma empírica, o curso do tempo: um presente sucessivo conforme uma relação extrínseca do antes e do depois, tal que o passado é um antigo presente, e o futuro, um presente porvir*” (DELEUZE, 1990, p.322)

Machado (in DELEUZE, 2010) sobre o teatro de Deleuze focaliza ainda o esgotamento do possível, do físico e do lógico, das condições de pensar e criar no próprio pensamento cultural, social ou econômico.

Da realização no impossível, transformando vozes em imagens sonoras e nomes em sonhos, imagens visuais, o encontro do silêncio da voz, o vazio do espaço, o sonho da insônia, o de-fora da linguagem, o acesso ao indefinido, ao impossível...

(...) se a imagem é uma maneira de esgotar o possível, é porque a energia da imagem é dissipadora, isto é, a imagem armazena uma energia potencial que ela detona ao se dissipar. Esse de-fora da linguagem, no entanto, não é apenas imagem: é também espaço, mas um “espaço qualquer”, sem função, conceito que Deleuze aprofundou nos seus livros sobre o cinema. E se ele volta agora, na análise das peças de Beckett para o cinema, é para defender que, se a potencialidade do espaço é tornar possível a realização de acontecimentos, o esgotamento esgota, extenua as potencialidades de um espaço qualquer. ” (Machado In: DELEUZE, 2010, p19-20)

“...em condições materiais que impossibilitam qualquer mudança de outra ordem, escrever, falar, pensar, são atos que devêm atos políticos fundamentais, para além das teorias do Estado e das doutrinas do consenso” (PELLEJERO, 2008, p.61).

4.DESTERRITORIALIZAÇÃO, DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA

Ao realizar ou impor padrões dominantes (homem, adulto, macho, branco, heterossexual, hereditariedades, hierarquias tiranas etc.) permanecemos na condição de maioria e no ódio às minorias.

A resistência política é da ordem das minorias, dos devires que vem delas. Um agenciamento coletivo, multiplicidade. O devir revolucionário das minorias é o combate às tristezas ou diminuição das potências impostas pelo poder tirano.

O devir revolucionário das minorias tem diferentes expressões e por si só já é uma potência. Uma poesia, ficção, grito, dúvida ou uma nova questão para problemas antigos. Justo uma questão. O ato de resistência é um ato de liberdade, único ato que resta realizar dada as circunstâncias como na exclusão social.

Na História das sociedades podemos descobrir como a atual é ruim desde o início e que não há nada a fazer. É no devir das minorias que encontramos a potência de mudar o passado e acionar outros futuros, desconstruir micro agenciamentos que mantém o macro agenciamentos.

Um aparelho de estado se erige sobre as comunidades agrícolas primitivas subordinando-as ao poder do imperador déspota.

O proprietário público único e transcendente é o mestre do excedente ou do estoque, organizador dos grandes trabalhos (sobretabalho). Preside o primeiro sistema de servidão maquínico, fonte de funções públicas e de burocracia. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.124)

A burocracia pode ser necessária em certa medida, mas desburocratizar é um ato de desconstrução da dominação. A renda também é outra criação do sistema de servidão e faz funcionar a máquina de escravidão, permite um empréstimo ou doação sem que aquele que o receba torne-se proprietário.

Operando por estratificação, o estado cria cidades-ponto que ressoam juntos, intraconsistência, com suas particularidades geográficas, étnicas, linguísticas, morais, econômicas, tecnológicas, rurais e urbanas.

O território desterritorializado é verticalizado hierarquicamente, faz a integração global (redundância de ressonância e não de frequência). (DELEUZE & GUATTARI, 2012ab, p.132-133)

Na transconsistência temos a cidade como uma rede, na circulação de circuitos, limiar de desterritorialização. A cidade é desterritorializada como pré-condição para entrar na rede.

Nas sociedades marítimas e comerciais temos o máximo da desterritorialização, há separação dos subúrbios e campos. Há a constituição de um ponto central, de coordenação forçada, pretensão de poder, magistratura, tirânica, democrática, oligárquica, aristocrática...

Há duas “estradas”, o Estado e a cidade, duas velocidades de desterritorialização-reterritorialização. O Estado disciplina a cidade, violentamente ou não, e formam-se as Megalópolis. Forças de desterritorialização permanecem nas cidades “forçadas” pelo estado. As forças mantêm-se em metamorfoses latentes, podendo também resistir e renascer sobre outras formas (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.135-138).

Os “quintais” ao se estenderem para as cidades levam suas forças desterritorializantes-reterritorializantes. Cidades, como o Recife, confundem-se com o “inferno” enquanto palco de metamorfoses que continuamente faz renascerem as minorias. A minoria sempre se re-lança ao caos, discute desimportâncias e traz a novidade.

O sistema de trocas se faz sobre agenciamentos de desejo e enunciação coletiva. Cada grupo deseja segundo o valor do último objeto recebível sendo este o limite. Por exemplo, na troca entre grãos e machados.

No entanto, a troca perde a desejabilidade, quando cria o estoque do excedente, que vem acompanhado do consumo e sedentarismo. Uma cadeia de sobrecodificações que se sucedem até os dias atuais.

Assim, temos as rendas, “contratos forçados”, impostos, bancos, capitalismo internacional, capitalização da natureza, sobre trabalho ou estoque de trabalho, sobrevida. “Estoque de vida”.

“O capitalismo com sua mais valia não localizável opera tanto no trabalho como num processo complexo, modos de transporte, modelos urbanos, mídias, entretenimento, maneiras de perceber e sentir, semióticas” (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.216)

A produção de excedentes é a exploração irracional do ambiente, o estoque serve ao sedentarismo.

O estoque-consumo tem sua raiz arborescente fundada no império arcaico, com processos de dominação dos pobres e marginalização. A paranoia que faz o trabalhador *nascer nu* e o capitalista vestido, enquanto proprietário independente. Nas artimanhas do sistema de produção capitalística, tal relação confundem-se hoje com a do empreendedor nu e empregador vestido.

A mulher como “bem trocável” e toda sua violência, outra artimanha. Violência da impossibilidade de criar direitos e violência de direito. Uma máquina militar-econômica se arma contra os primitivos, nômades, mulheres, crianças, índios e demais minorias.

A propriedade privada sobre os trabalhadores individuais, dependência pessoal e sujeição social. Materialização do trabalho e acúmulo de riquezas em oposição ao trabalho livre.

A agricultura que superpõe os cultivadores de terra e esgota o solo. Reterritorializações compensatórias do Estado às desterritorializações do capital. Microagenciamentos nas atividades cotidianas, pelos anunciantes e suas mídias conectadas aos Estado.

O ouvinte-anunciante, movido ao som das moedas e das suas políticas.

Somos sujeitados a televisão na medida em que fazemos uso dela e que a consumimos, nessa situação muito particular de um sujeito do enunciado que se toma mais ou menos por sujeito de enunciação (“os senhores, caros telespectadores, que fazem televisão...”); a máquina técnica é o meio entre dois sujeitos. Mas somos submetidos pela televisão como máquina humana na medida em que os telespectadores são não mais consumidores ou usuários, nem mesmo sujeitos que supostamente a “fabricam”, mas peças componentes intrínsecos, “entradas” e “saídas”, feedback ou recorrências, que pertencem a máquina e não mais a maneira de produzi-la ou de se servir dela. Na servidão maquínica há tão somente transformações ou trocas de informação das quais umas são mecânicas e outras humanas. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.170)

As formas de como vivemos o mundo, são singulares no sentido em que escapamos aos modelos e as pressões alienizantes. Mover com o corpo e com o pensamento, devires e acontecimentos. Os fluxos de vida e de fuga afetam e são afetados pelos corpos inseridos na potência dos devires, nos movimentos de criação e do não-fazer. O corpo possibilita que o plano de imanência se efetue em devires.

Desterritorializar-reterritorializar é abandonar territórios, ligar-se a outros, à Terra, ao irreconhecível Cosmo e seus infinitos territórios a criar. Reterritorializar, nesta perspectiva, não acompanha nenhum modelo, segue a oscilação e ousadia da Terra, para novas criações.

A criação de territórios/funções a partir do/no meio cósmico e social e subjetivo, como “terra” aberta ao “tornar-se infinito”, aos devires. Trazer novas linguagens e pensamentos no relançar-se ao meio, de territórios entre territórios, seguindo os movimentos/forças/potências da Terra.

Por outro lado, tais territórios criados podem ser fechados aos devires, dependentes deles mesmos, como o território/função de atuação da dominação-consumo. Uma atividade que não se subordina ao modelo de dominação e foge ao controle da aparelhagem política é considerada inimiga, não rentável.

Os coletivos que não seguem o modelo do Estado, o povo, as minorias e os nômades, são os contrerrâneos da Terra Cósmica, tornam-se uma ameaça ao *statu quo*.

A minoria não se submete aos modelos de Estados, desvia dos axiomas, apropria-se das armas tecnológicas através do devir-radio, devir-eletrônico etc. Num devir-revolucionário tomam-se os fluxos descodificados e desterritorializados do capitalismo num plano de consistência, desenha-se uma nova terra. Decisões revolucionárias germinam nas proposições indecidíveis. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.190-191)

A máquina de guerra nômade retoma a terra enquanto espaço de distribuição dos homens e não de propriedade. O nômade ocupa a terra como tece, ajusta sua vestimenta e a própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso aberto onde o corpo se move.

Preencher o agora-aqui de espaços-tempo que nos retire da paralisia histórica é trazer diferentes maneiras de sentir e de pensar, A liberdade de existir movida pelas paixões, pela experimentação da vida e dos diversos tipos de expressão/comunicação tem função essencial de resistência às políticas totalitárias.

Fugir aos “chapamentos de boas maneiras, boas riquezas, bons métodos/teorias/fatos, boas sexualidades e boas religiosidades” que enquadram os sujeitos em micro agenciamentos.

Escapes da dominação passam necessariamente por territorialidades de minoria, algumas a serem criadas. Trazer à tona suas possibilidades é organizar suas territorialidades para viver num território estrangeiro. Criar um reduto, um dialeto. Um “em casa” singular.

É estrangeiro ser inafiançável no modo de produção capitalístico e não querer privilégios ou ser superior. É estrangeiro não dever à Deus. É estrangeiro escrever. É estrangeiro criar direitos e não se submeter às proibições tiranas. É estrangeiro resistir aos treinamentos imbecilizantes e lugares-comuns. É estrangeiro exagerar a vida.

As minorias, a sua forma, se rebelam ativamente no nível micro e macro contra qualquer modo de produção ou política de dominação.

4.1 RESISTÊNCIA E SEGMENTARIDADES

Somos feitos de linhas, de escrita, de arte, de vida, de experimentações e entrelinhas.

Linhas de política, micro e macropolíticas que se entrelaçam. A molaridade são as linhas duras e a molecularidade, as flexíveis.

As linhas duras e flexíveis são inseparáveis, mas cada qual com suas particularidades e importâncias. As segmentaridades ou linhas, coabitam a imanência. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.85)

Segmentaridades manifestam-se por suas linhas, desterritorializam e reterritorializar inibindo as ressonâncias ou binaridades, ou ainda são ressonantes e redundantes, sobrecodificadas no espaço.

Na segmentação primitiva ou linha flexível temos códigos e territorialidades, sem ressonância-oposição binárias (homem-mulher, de-cima-de-baixo...). Essas linhas resultam de máquinas e de agenciamentos não binários, ou seja, decorre de outro estatuto que mobiliza regras sociais em no mínimo três grupos diferentes.

Nesta segmentação, os centros são nós, olhos ou buracos negros não ressonantes. A multiplicidade tem nos olhos no céu ou nos devires vegetais animais, por exemplo um espírito animal particular (como xamã), constelação de olhos. O princípio de binaridade tem o poder localizado em segmentaridades. Por exemplo, no caso das drogas cada ponto continua a emitir sequências independentes, inibindo a ressonância.

Modelo rizomático. É no modelo rizomático que as multiplicidades se conectam, os agenciamentos fazem proliferar os territórios e devires das minorias.

Na segmentação moderna ou linha dura temos sobrecodificações e reterritorializações no espaço sobrecodificado. As binaridades são resultantes de estatuto fundado na combinação-escolha de dois em dois.

Nesta segmentação temos círculos concêntricos, centros ressonantes, buracos que caem num centro de acumulação. Um ponto de cruzamento atrás dos olhos, por exemplo, e nos rostos redundantes (pai, coronel, patrão, professor). Essa segmentaridades remete a um centro de significância que percorre os diversos círculos e repassa todos os segmentos.

Um macro rosto, ou seja, aqueles em que *os centros ressoam, todos os buracos caem num ponto de acumulação, macro rosto em toda parte, olho de computador que varre todos os raios.* (DELEUZE & GUATTARI, 2012C. p.96).

O olho central organiza a ressonância, invariante tem como correlato um espaço em que ele se desloca. Por exemplo um espaço político homogêneo que sobre codifica os segmentos de linhagens e, ao mesmo tempo, uma Ágora, enquanto espaço público, centro, denominador comum de todas as casas que constituem a polis.

Modelo arborescente.

(...) a segmentaridades linear passa por uma máquina de sobre codificação que constitui o espaço homogêneo more geométrico e traça segmentos determinados em sua substância, sua forma e suas correlações. Notaremos que, a cada vez, a Árvore exprime essas segmentaridades endurecida. A Árvore é nó de arborescência. Ou princípio de dicotomia; ela é eixo de rotação que assegura a concentricidade; ela é estrutura ou rede esquadrinhando o possível. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.98)

As linhas políticas antecipam e mantêm o Estado:

(...) o sistema político moderno é um todo global, unificado e unificante, mas porque implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela toda espécie de compartimentações e de processos parciais que se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos. A tecnocracia precede por divisão do trabalho segmentário (inclusive na divisão internacional do trabalho). A burocracia só existe através de suas repartições e só funciona através de seus “deslocamentos de meta” e os “de funcionamentos” correspondentes. A hierarquia não é somente piramidal: o escritório do chefe está tanto no fundo do corredor quanto no alto da torre. Em suma, tem-se a impressão de que a vida moderna não destituiu a segmentaridades, mas que ao contrário a endureceu singularmente. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.94)

É no Direito burguês que se distingue o público e privado, o Estado enquanto subordinado a este tem função secundária e obedece seus poderes. As jurisprudências, ao criar direitos, tornam-se potentes para a resistência política e minoridade.

As binaridades também ocorrem nos agenciamentos moleculares, remetendo a múltiplas combinações, um termo no outro, mas numa relação de outra natureza por exemplo as classes sociais moleculares que escapam da massa molar que tem objetivos diferenciados. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.99) uma dupla dependência, nas dimensões.

A organização molar da percepção não impede o micro percepções moleculares, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo, que operam de outro modo.

As classes são efetivamente talhadas nas massas, elas se cristalizam. E as massas não param de vazar, de escoar das classes.

O fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto ao outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional-socialista.

Fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem, fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um micro buraco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central e generalizado. Há fascismos quando uma máquina de guerra se encontra instalada em cada buraco, em cada nicho. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.100)

O desejo deseja sua própria repressão, são agenciamentos complexos, molecular-molar, moldam comportamentos, percepções e semióticas. O desejo se relaciona as multiplicidades.

Uma montagem elaborada e não uma pulsão, moléculas pessoais e coletivas que nutrem o fascismo em nós mesmos. Sempre há uma microfuga, um remanejamento, um microagenciamento, um devir, uma correnteza...

Convulsões, um fluxo mutante cria e destrói. Na economia temos inflação e deflação. Na religião o “pecado de não atingir a consciência do pecado”. Fluxos de quanta, uma guerra absoluta, cósmica.

Tarde (in DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.103) se interessa pelas pequenas imitações-propagações de fluxos, oposições-binarizações e invenções-conjugação de fluxos diversos. As matérias sub-representativas em oposição as representativas resultantes destas.

Crenças e desejos onde se edificam as sociedades. A possibilidade da quantificação social das sensações. Os fluxos não são individuais, mas sobre codificáveis por significantes coletivos.

O aparelho de estado, não-axiomática, é apenas o agenciamento da reterritorialização que efetua a máquina de sobrecodificação. A desterritorialização ou linha de fuga, age pelo seu grau-quanta-signo-fluxo e escapa aos códigos.

A desterritorialização descodifica num movimento aberrante, que se diferencia das sobrecodificações duras, reterritorializações molares, que apenas substitui os códigos desgastados e se mantém.

Segundo os teoremas de desterritorialização em que “é no mais desterritorializado, que se faz a reterritorialização”, a própria burguesia comerciante das cidades capitaliza um saber, uma tecnologia.

São agenciamentos e circuitos sob a dependência dos quais entrarão a nobreza, a Igreja, os artesãos e os próprios camponeses. A burguesia é a ponta da desterritorialização, verdadeiro acelerador de partículas, operando sobre a reterritorialização de conjunto, agindo como massa e classe. (DELEUZE & GUATTARI, 2012c, p.110)

As três linhas, flexível, dura e de fuga, respectivamente permitem a coexistência de tribos, impérios e máquinas de guerra.

Nas segmentaridades temos a possibilidade de resistência das tribos, essa é sua potência, mas também dos impérios e essa é sua cautela.

4.2 RESISTÊNCIA E DES-LOUCA-MENTOS

A terra para os nômades apresenta-se como espaço liso. O número domina a matéria para o deslocamento numa direção não-métrica, remetendo a agenciamentos numéricos, estratégicos e logísticos.

O homem do subsolo, na sua relação com as minas e metais, também tem a terra como espaço liso.

Nas sociedades com estado a terra não pertence as linhagens e nem está disponível ao homem como um espaço livre. No estado a terra é propriedade ou bem de homens privados, a terra é estriada e mesmo quando a reconstitui em espaço liso o faz enclausurando novamente a terra. As porções de terra se distribuem para os homens.

No nomadismo os homens se distribuem sobre a terra, temos a desterritorialização da relação do homem com a terra.

Emergência da máquina de guerra nômade.

Mas a terra faz valer seus próprios poderes de desterritorialização, suas linhas de fuga, seus espaços lisos que vivem e que cavam seu caminho para uma nova terra. (...) máquinas de guerra se constituem contra os aparelhos que se apropriam da máquina, e que fazem da guerra sua ocupação e seu objeto (condições que o estado apropria da máquina): elas exaltam conexões em face da grande conjunção dos aparelhos de captura ou de dominação (o estado é apenas parte). (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.118)

A máquina de guerra nômade retoma a terra enquanto espaço de distribuição dos homens e não de propriedade. O nômade ocupa a terra como tece, ajusta sua vestimenta e a própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso aberto onde o corpo se move.

Os pontos-habitats e o vetor vestimenta-tenda-espaço estão subordinados às linhas e ao trajeto, a parada-tenda-iglu-barco é provocada pelo próprio percurso e mudanças de direção, deslocamento no espaço liso. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.197)

O espaço liso dispõe sempre de uma potência de desterritorialização superior ao estriado. No espaço liso temos o aparecimento de habitats subterrâneos, mineral, espaços esburacados de defesa como ponto entre duas linhas.

O mar estriado, esquadrinhado, também se reconstitui no espaço liso, submarinos aparecem....

Nas cidades a miséria também faz emergir forças que se abrem a outras reterritorializações e alisamento do espaço, renascimento das minorias:

Favelas moveis, temporárias, de nômades e trogloditas, restos de metal e de tecido, patchwork, que a nem sequer são afetados pelas estriagens do dinheiro, do trabalho ou da habitação. Uma miséria explosiva, que a cidade secreta, e que corresponderia à fórmula matemática de Thom: "um alisamento retroativo". Força condensada, potencialidade de um revide? (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.201)

Primaveras, levantes, manifestações? Arte? Pensamento? Viagens-devir no espaço liso?

A linha abstrata traça o espaço liso, espaço de deslocamentos-mobilidades fugitivas e do corpo sem órgãos, permitindo que as linhas e a vida escapem dos estriamentos, das geometrias e organismos.

Ora, não é porque o abstrato engendraria por acaso ou por associação de motivos orgânicos. Precisamente porque ele a pura animalidade é vivida como inorgânica, ou supraorgânica, pode tão bem se combinar com a abstração, e mesmo combinar a lentidão ou o pesadume de uma matéria com a extrema velocidade de uma linha que é unicamente espiritual. Essa lentidão pertence ao mesmo mundo da extrema velocidade: relações de velocidade e lentidão entre elementos, que de toda maneira excedem o movimento de uma forma orgânica e a determinação de órgãos. É ao mesmo tempo que a linha escapa da geometria, graças a uma mobilidade fugitiva, e que a vida se desprende do organismo, por um turbilhão no mesmo lugar e permutador. Essa força vital própria da Abstração que traça o espaço liso. A linha abstrata é o afeto de um espaço liso, assim como a representação orgânica era o sentimento que presidia o estriado. Por isso, a diferenças háptico-óptico, próximo-distante, devem ser subordinadas à diferença entre a linha abstrata e a orgânica, encontrando seu princípio numa confrontação geral dos espaços. (DELEUZE & GUATTARI, 2012a, p.227)

O espaço liso não serve para salvar o mundo, mas para mudar a luta, deslocar, reconstituir desafios, afrontar obstáculos, inventar andamentos, modificar os adversários.

Agenciamento de novas realidades, de uma Nova Terra.

Linha louca. Des-louca-mentos

5.FRAG-MOVI-MENTOS (parte I)

Frag do alemão, pergunta. Problemas que movimentam corpos, imagens e escritas. Desterritorializar, desloulcar, movimentos singulares, relançamento e novos encontros.

Trazer frag-movimentos onde os fragmentos permaneçam como tal e não encontrem “alívio” em nenhum outro. Essa sua força.

Criar imagens e escritas e pensamentos atravessados por um rio que é todo afecto. Um rio que não para, lima as margens e corre pelo *meio*, arrastando tudo moléculas, desejos, lixo e palavras.

Gente “embriagada”, pouco sóbria, pouco sólida. Correntezas que vertem dos poros, trazendo novas possibilidades cotidianas. Gente que desafia os “cabeças-de-prédio”, arranha-céus que se erguem em toda sua margem. Os homens-caranguejos surgem por “feitiçaria” em cada beco de pedra, resistem.

A linha molar corre por sobre as pontes, a molecular é submarina, linha guerreira e nômade, rizomas e na turbulência aquática.

Explosão incontrolável de frag-movimentos. Fragmentos de conceitos, de imagens e de palavras desterritorializados. Reterritorialização desloulcada, hospício de criações. Experimentação.

Forte desterritorializado, abriga mensagens ao rio, exposição Capibaribe: Meu Rio, pedaços de rio-gente em imagens e escritas. Máquina de guerra se ergue no fora-sistema, captura paixões do povo caranguejo.

Ora uma onda brava de pensamentos, ora só a calmaria e gotas desconectadas, gasosas... não há como controlar o rio de imagens-sons-movimentos-tempos que arrastam tantos outros, acelerados e lentos.

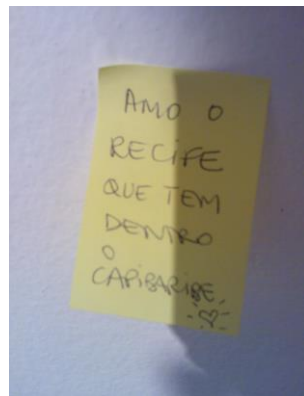
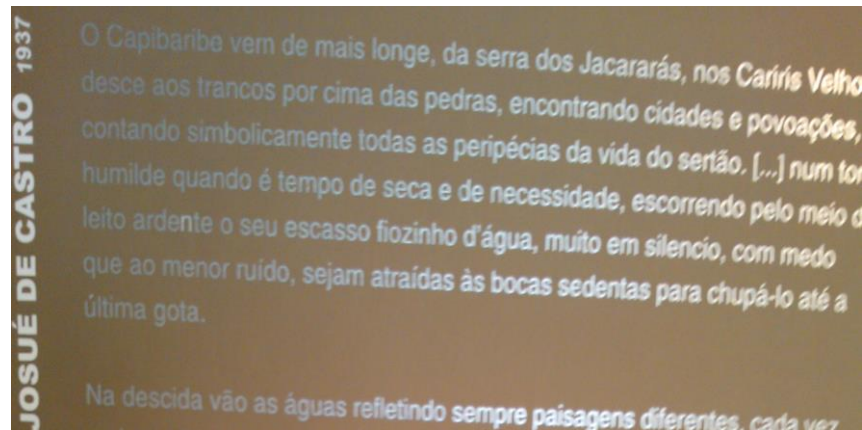
Rio liso.

5.1 Mundo Recife-Capibaribe

Eu vi o mundo...

E ele começava em Recife...

Cícero Dias



5.2 Um rio que é um mundo

Rio que é um mundo (in Febre do Rato). O Rio Capibaribe é o rio de corpos e poesia, rio do submundo. Rio dos excluídos e da minoria que sobrevive *entre* as suas margens.

O Rio é puro movimento, fluir, devir...

Os encontros com o rio/água são linhas de fuga, são instantes-rio temporários. O rio nunca enquadra, passa e faz tudo se movimentar.

O Rio prolifera sentidos, passa pelos ratos, pelo sangue, pelo suor, pelo esgoto, pela urina e resiste.

No rio coexistem capivaras, pedras, caranguejos, homens, sapos, ratos, cadáveres e esgoto. Nunca há mistura, mas contaminação pelos movimentos/moléculas do rio. Aparecimento de “corpos que não o são”, corpo homem-esgoto, corpo cadáver-rato etc.

Proliferação de devires. Territórios do homem-peixe-capivara-rato-caranguejo-sapo-pedra-esgoto. Podemos sentir os cheiros, os sons e poesias. Nos afectamos pelas imagens e pela falta do rio.

O filme Febre do Rato questiona o modelo de progresso. Nas palavras de Josué de Castro é rio poluído e da pobreza. Rio da exploração do rico pelo rico e do pobre pelo pobre, indiferenciados em um cenário de capitalismo/consumismo. Rio do homem que produz a “*merda*” e come. Na voz do personagem Zizo:

*Um homem
Que produz a merda
Que suja o mangue
Que nasce caranguejo
Que é comido pelo homem
Que produz a merda*

Josué de Castro (in Febre do Rato)

Recife começa no rio. Rio liso. Cidade sem começo nem fim.

Gente que vive às margens do progresso e fora dele. Bandeira coração.

No início do filme a câmera acompanha o rio. Vemos a imponência do Rio nos minutos iniciais. Aos poucos o rio vai sendo excluído das cenas, mas segue seu curso. Os personagens não podem encerrar suas vidas no filme. Libertar os personagens e o Rio, trazê-lo de volta ao fundo e nas escritas. Às margens do rio Capibaribe uma série de casas precárias. Vemos casas em construção precária às margens do rio. Vemos uma imagem colada de “cabeça para baixo”, preanunciando as reviravoltas do filme e de Recife.

A imagem fragmentada e invertida.

Recife às avessas. Formas raras de vida que coexistem com rio e resistem. Nas palavras de João Cabral de Melo Neto, um rio que atravessa o “avesso” da cidade:

*“A gente da cidade
Que há no avesso
Do Recife
Tem em mim um amigo,
Seu companheiro mais íntimo.
Vivo com esta gente,
Entro-lhe pela
Cozinha;
Como bicho de casa
Penetro nas camarinhas.
As vilas que passei
Sempre abracei como amigo;
Desta vila de lama
É que sou mais do que amigo:
Sou o amante, que abraça
Com corpo mais confundido;
Sou o amante, com ela
Leito de lama dividido. ”*

MELO NETO. *Obra completa*, p. 140-141.

Na sequência do filme, as imagens reforçam a ideia de ver Recife por uma outra janela. O personagem apresenta, territorialidades de minoria. As vidas públicas e privadas não seguem os modelos dominantes e esperados.

Recife está *além do inferno* na piada. Cenário marcado pelas desigualdades sociais. Aos olhos de Zizo, uma Recife dos que *perderam a capacidade de espernear para as coisas mudarem, dos que desaprenderam*.

O “*homem que não ri*” e não consegue ver por outras janelas e só conhece as verdades postas habita Recife. Segundo o poeta este é o homem ao qual devemos tomar distância. Devir verdade.

O mundo Recife nas imagens de Cláudio de Assis é puro gozo. Gozo das linguagens e dos corpos que são criados. Gozo dos pensamentos.

Gozo de ideias em desterritorialização.

Recife tem o cheiro do mangue e o gosto do caos:

Vocês aí dos prédios, vocês sabem o cheiro que essa cidade tem? Pois eu lhes digo o cheiro dessa cidade é o cheiro do mangue. Vocês aí desse prédio vocês sabem o barulho que essa cidade tem, se não sabem eu lhes digo, que o barulho dessa cidade é o tamanco das lavadeiras de casa amarela. Vocês aí dessas pontes, vocês sabem o gosto que essa cidade tem? Se não sabem eu lhes digo que o gosto é o gosto das putas abandonadas do caos.

Gozo da água. A água está sempre à espreita dos corpos e da terra. Aparece e desaparece. Encher e esvaziar fazem parte da rotina dos personagens e do Rio.

A urina no Rio denuncia o descuido com a Natureza.

Ratos e capivaras sobrevivem no Rio.

Deixar sobreviver os ratos e sua loucura. Loucura de viver de restos, de lixo, de cadáveres, corpos que não estão livres da febre, da água que embebe, contamina e se contamina.

Devir rato. Sobrevivem os ratos e toda contaminação, sobrevivem os poetas e o homem- caranguejo. A água dilui palavras, corpos e imagens. Tornam menos sólidos os pensamentos.

Cachaça.

Água é palavra amiga.
Liquida adentra a lin-gua.

Enxagua a régua que regra.
Fluir dá a vida e da poesia.

Corre pelo corpo do poeta, seu sangue e suor.
Na poesia-Capibaribe a palavra vem molhada e suja.

A imagem cinzenta.
Cada corpo é uma várzea.

Corpo, imagem e poesia lutam junto ao Rio.
Afogam-se no mar.

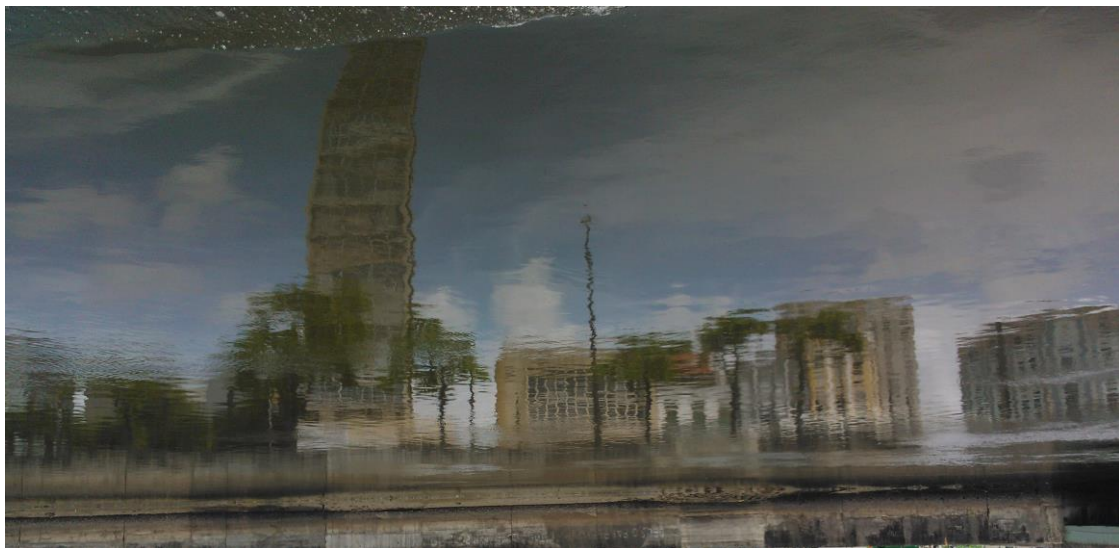
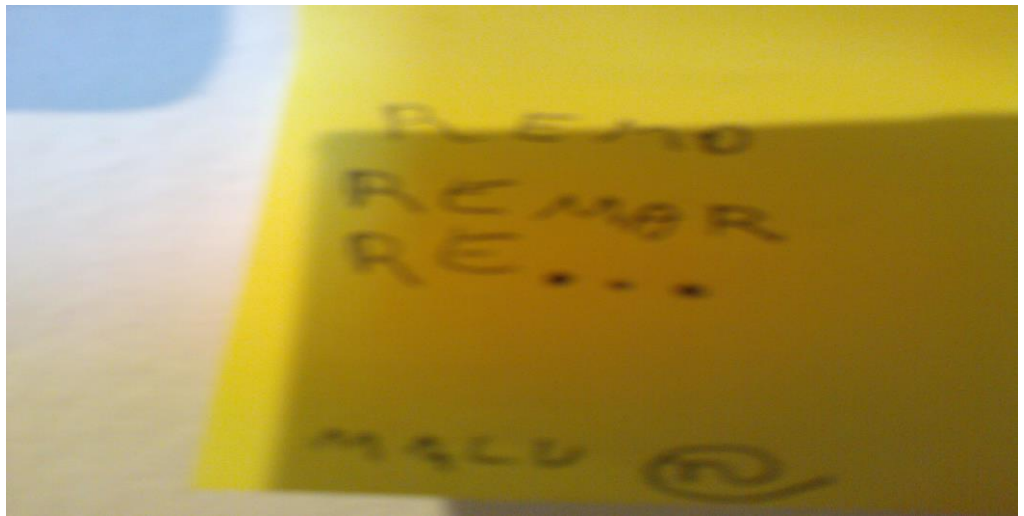
Quem viu o mundo?

O rio avistou a cidade de pedra, esse seu desvio, seu erro.

Queria o rio também se contaminar pelas calçadas de cimento?

Ler o Rio. Escutar e falar com o Capibaribe.

5.3 O avesso do Capibaribe



5.4 *Um corpo-rio?*

O humano produz o lixo e joga fezes nos rios. Explora homens e se auto violenta. O homem-capivara também habita o homem, multiplicidade. No Capibaribe nasce o homem-caranguejo desterritorializado digestivamente e das dominâncias.

Comer impossibilidades é dom de caranguejo, dos que vivem do que não pode. Quanto mais lama, mais caranguejo, Minoria.

Canibalismo cósmico.

Para o poeta-personagem Zizo, as dominâncias podem se dar pela exploração de *rico contra pobre, de pobre contra pobre, da classe média contra pobre e de classe média contra média*. A riqueza/pobreza é retirada do campo exclusivamente econômico para a prevalência de certos valores. Rios e pobres estão no mesmo lado das trincheiras, do controle do corpo e do consumo desenfreado. A exploração do pobre pelo rico e do pobre pelo pobre. Consumo de corpos e silenciamento.

Des-controle do corpo.

A desorganização dos vícios e dos costumes condenáveis. Reorganização dos vícios *dos que fazem o bem para lavar a lei*. Desterritorialização/Reterritorialização. Cumplicidade na gerência. A vida erra. Humanos *desatinados* resistem a tirania dos destinos. Desterritorialização da certeza. Importa um *grande acontecimento*, singularidades. Des-controle dos corpos, outras ideias, outros sentidos e existências.

No intervalo entre o ser e ser, há o não-ser, o devir. Tempo do ser *tornando*. O plano de imanência preenche-se por devires, movimentos que tomam corpos, coisas e seres para se efetuarem. O corpo-Zizo é habitado pelos devires artista, mulher, criança e devir Recife. No devir faz bloco com a mulher, a política e com a fotocopadora.

O que pode um mundo Recife?

Cláudio de Assis é Recife e traz sua insatisfação pelas circunstâncias atuais sua poesia-cinema corre feito um rio, proliferando sentidos por onde passa. Devir-eletrônico, devir-cinema. Onde está o Rio? O Rio desviado das cenas, desvio de Assis.

O corpo-Recife não responde aos discursos prontos e fechados. O corpo-Recife responde a poesia e ao rio, pois *tem* a poesia e rio. O corpo pergunta, o corpo pergunta sobre as respostas e as respostas das respostas. Corpo reconstruído.

O corpo-Zizo escava a rocha com poesia. O rio e a poesia emergem das entranhas da carne, da terra e da pele.

Zizo resiste com a poesia, mas também com um corpo que experimenta corpos e o corpo xerocado. Juventude universal.

Banheiras e quintais, o cimento e a água. Zizo parece não controlar o corpo. O corpo produz sua poesia, sua dança, sua rima. O sexo não é assunto privado. Uma festa pública, grande brincadeira.

Uma guerra travada com o corpo e contra o corpo que aprisiona. Corpo-máquina, um duplo corpo, corpo discurso, fluxo de desejos libidinosos, corpo hesitante. Moléculas micro femininas decompõe o corpo macho, devir mulher. Desterritorialização do corpo reprodutor e dos padrões de conduta para a sexualidade. Manifestações eróticas livres, individuais e coletivas.

O devir do corpo poético-erótico é indiferente à economia, as normas morais da elite para os pobres, às normas religiosas que procuram silenciar a profanidade dos desejos corpóreos.

Bloco de devir poesia-corpo. O corpo captura palavras, torna-se meio intenso/imenso e se movimenta por toda Recife, flui por seus mangues e rios. A poesia retém o tempo nas sensações dos corpos.

O corpo arrasta as *multiplicidades heterogêneas e intensivas* num

movimento de devir que varia e varia e varia e

O devir-criança potencializa o corpo livre, o corpo que pode brincar com outros corpos e coisas. O sexo, a bola e a bicicleta. Não há gêneros, mas só o corpo. As palavras também podem perder letras e ganhar outras, ficarem fora do lugar, fora da história e em outras histórias.

O mundo reterritorializado numa caixa de brinquedos, novas conexões. Grande ousadia em relançar-se às forças cósmicas, um novo uso?

Tantos outros corpos são levados pelo devir Zizo. O Todo mundo aparece e desaparece em instantes.

Qualquer corpo adere ao movimento e entra na banheira. Um bando ou seguidores?

Imperceptível, devir de todo mundo. Cada corpo, enquanto multiplicidade, cria um mundo com conexões rizomáticas com outros corpos.

Alguns nós e arborescências, como a relação de Vanessa e Pazito. Levados pela correnteza, buscam outros caminhos. Paraísos onde possam se reconhecerem.

O corpo de Zizo é o corpo imune, de anticorpos, sem medos. Os microparasitas ou as armas não podem amedrontar Zizo. Para Zizo nem a morte pode durar muito tempo, renasce em poesia.

Zizo é o corpo-não-capitalizado pelo sobre trabalho. Vive de desejos e paixões. O desejo de vida e desconstrução dos aprisionamentos sociais. Resiste com o ato de escrever. Expressão. Arte como resistência. Zizo-rio assim como o corpo-rio do rio, leva tudo que está a sua frente e não é sobrecodificado.

Os grandes prédios, cabeças de prédio, não passam de reflexos planos.

Corpo híbrido de intensidades.

Corpo-Recife-Palavras-Sexo-Multidões.

Corpo sonoro, que grita, apela e goza.

Corpo que se banha em rio e poesia.

Corpo em des-controle, febre.

Corpo-vida que contamina.

Corpo-palavra aglomerado.

Corpo morto.

Corpo desnudo.

Corpo *cheiro de mangue*.

Corpo som de *tamanco*.

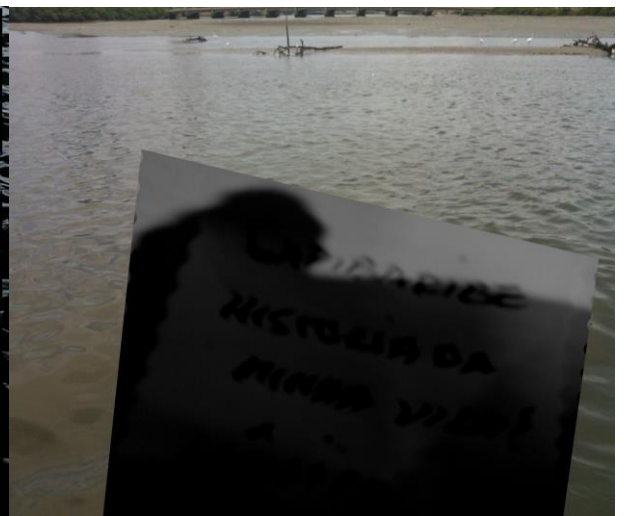
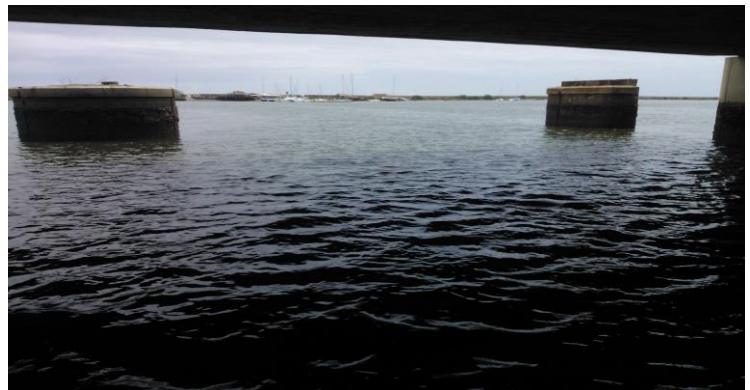
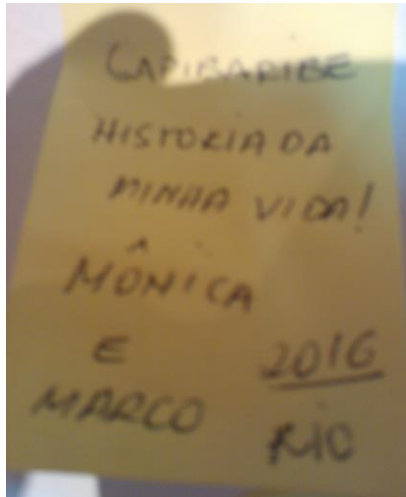
Corpo *“gosto das putas abandonadas do Brás”*.

Corpos invisíveis?

O corpo resiste.

Recife resiste.

5.5 Silenciamento dos corpos



5.6 Eneida e *um* corpo-guerra

A guerra está no corpo, nas subjetividades que carregam. Choques de corpos-força e corpos-vontade. Corpo-guerra. Eneida é a própria guerra, perambula entre forças, desejos e o pai.

Zizo e a desconstrução de Eneida.

Eneida é territorializa no luxo *que o mundo dita*. Zizo traz à cena o luxo do amor, luxo da amizade, luxo do sexo, luxo da coletividade... as *coisas postas* que Eneida vê não lhe permite ver as coisas *finas e miúdas*. Nas palavras de Zizo, ela se torna agressiva com as *coisas do dia* e espera que a menina saia da zona de conforto e da sanidade, que se contamine e desconstrua medos.

Eneida e a reconstrução de Zizo.

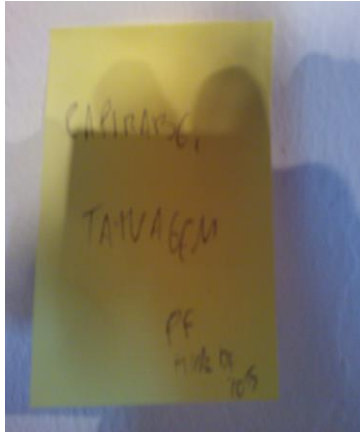
Os medos são as pequenas sementes tiranas que nascem nos corpos e os tornando mais uma peça da máquina da opressão.

Eneida mostra-nos um Zizo “enclausurado” às vontades eróticas do corpo, mas que no limite torna o corpo página.

Os corpos-vadios são corpos que fazem sexo com máquinas e com eles mesmos. Impregnam-se de poesia e as tornam tatuagens. Zizo tem Eneida em pedaços de imagens xerocadas, reterritorializada, corpo-alga, fluído. Sangue e tinta e urina e suor.

O corpo-guerra sente o rio e as coisas miúdas e finas. Ao corpo Eneida-molar não há possibilidade de capturar outras moléculas ou o próprio Rio.

5.7 Coisas finas e miúdas



5.8 Pernas, braços e vontade

Pazinho experimenta a traição de Vanessa. Paraísos e infernos não compartilhados. Vontades do corpo como alguém que *tem pernas, braços e vontade*. Pazinho também trai ao se tornar fiel as fragrâncias do seu mundo-paraíso.

Durante o filme Vanessa e Pazinho separam-se e ajuntam-se incessantemente, lutam contra suas vontades, infernos e paraísos.

Zizo traz poesia:

“Valetes a varejo”.

*Assim, só sendo assim, posso falar
Das espadas que são nós.
Nós que se enrolam e se vertem
De forma tão infinita que nem a lâmina
(fina e precisa)
Consegue desfazer
A corda atada a nós.
Nem as espadas outras,
Mesmo que pareçam singelas,*

Tem o poder de ferir e inferir.
Mesmo que seja fundo o corte
E mesmo que seja fácil,
O tempo todo nós:
Ali, Acima, abaixo.
Superfície e espelho de nós,
Que nada parece mudar e desfazer.
E quando o tempo deixar nós cegos
Vamos à beira do rio
(espelho ruminante da cidade)
Pensar em desatar.
...será tarde.

E no fluxo rio das ideias
Nós vão indo, afeitos, refeitos, rarefeitos...
E lá vão eles juntos. Afoitos se completam...
Eles nós. Cheios de nós.
Reinventam-se a cada dique: açudes.
E rompem
Sobre nós, sob nós, sobre nós.
Espadas são nós,
nos espelhos os nós se vão,
sós, únicos, juntos,
afoitos se completam”

No espelho surgem as paixões. Não há o que falar sobre nós e sob nós. Os excessos de nós são como espadas, ferem e inferem na poesia de Zizo. Os nós e os nós interrompem as vontades. Desfazer nós e romper nós é deixar fluir um rio, espelho d'água. O homem e a ideia de homem. Ideias e ideais que precisam ser diluídos para que cada homem volte a ser único e incomparável. Singularidades nunca constituíram o *nós*, mesmo juntos sempre estarão sós.

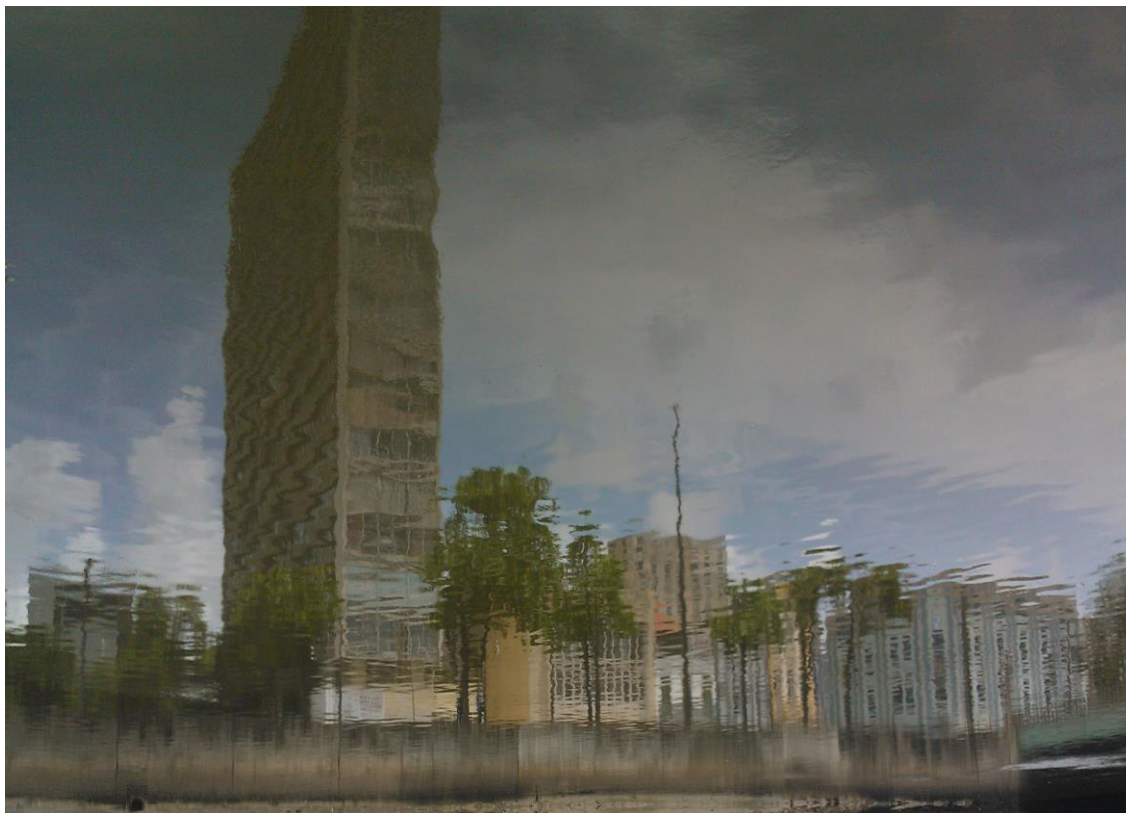
A vida como apetite.

A vida que vale a vida, a vida como poesia safada, vício em desejos que

alimentam as paixões. Resumida na letra da música *Passione* de Junio Barreto, trilha sonora, que sela também a fidelidade às vontades de Pazinho:

*Perfume do meu paraíso
Bonita estrago do meu céu
Que até me custe, valha a vida
Vou te amar, vou te amar
Passione, tenho por tu
Tanto guardadinho amor
Agressivo não
Safada, és meu vício
Morro em você
Pra viver em mim*

5.9 Corpos no espelho





5.10 Quintal-palácio

Casas sem quarto, sala, cozinha e banheiro. Tudo acontece em todo lugar. Segmentos são flexíveis, conectam banheiros e palácios, cemitérios e cozinhas. O quintal é o grande palácio. Ambiente de convivência do grupo. Família desterritorializada, reterritorializada num palácio impossível, desajustados.

A domesticação da família pela imposição de um modelo de organização não ocorre em Febre do Rato. Zizo, por vezes, é o único integrante de sua família. A mãe-mulher desterritorialização-reterritorialização das funções modeladas.

As mulheres aparecem no quintal, discutem política, fumam, bebem e fazem sexo. Também não há crianças estereotipadas, mas um devir-criança que corre entre os personagens, no rio e nas banheiras.

Zizo pertence às várias famílias/amizades sem se fixar em nenhuma, uma multiplicidade de reterritorializações. Sem imposições perambula às margens do rio, encontra Pazito, o fornecedor de maconha e a amante, um nômade familiar.

Eneida, a musa, volta sempre para o “suposto pai” a quem odeia e segue. Fora da escola se mistura as outras mulheres de Febre do Rato.

O filme notadamente busca impactar a sociedade com uma “suposta vida de orgia”, denunciar o controle do corpo e tornar a família um território de pretendências afins.

A família de “cabeça para baixo” de Zizo se reúne nas datas comemorativas, nos aniversários, páscoa e na independência. Desterritorializando simbolismos, religião e consumismos. Reterritorializações em poesias e na festa do corpo.

5.11 Zona de vizinhança



5.12 Sons-tempo-música

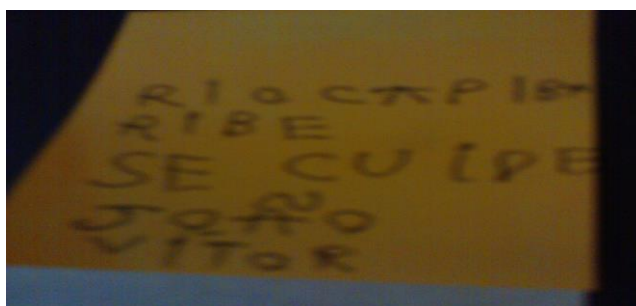
Os sons que iniciais do filme deixam Recife se apresentar como uma mistura de zumbidos de insetos, gotejar/correr de água, gritar de crianças, ranger de motos, falação do povo e *espernear* de palavras nas poesias que Zizo recita.

Da imagem sonora, signo da música, criam-se escutas, territorializações, desterritorializações e reterritorializações que são como códigos que se repetem, a sonoridade cria territórios. Vai e vem das moléculas sonoras.

As velocidades inicialmente apresentadas, a trilha sonora lenta de Junio Barreto, vão dando espaço ao teclado do garoto que a todo momento compõe músicas que se ajustam aos acontecimentos cotidianos. A música, se torna tempo, tempo no corpo que os torna lento e acelera.

O tempo do medo, o tempo do amor, o tempo do sexo, o tempo da exploração, o tempo da ganância, o tempo da dor, o tempo do inferno etc. Tempos que passam pelos corpos, engendram outros tempos, mas também exploram, imobilizam, como o tempo do medo “...*com medo do tempo que passa, passa por mim o tempo do medo...*”, um estacionar no tempo cronológico. O medo da dívida, da doença, da arma de fogo, da lei, do roubo, da morte, da separação-traição, o medo de não ser igual-normal-formal, o medo que toma o corpo. O tempo da morte. Dos *mortos-vivos* de Zizo.

5.13 Deletando medos



5.14 Enfeites de cores errantes

Rosângela decide ir morar com o namorado e outros dois amigos em uma fábrica que ocupam. A moça, está sempre a brincar, brinca com o balanço e com o sexo, brinca com os três e também com Eneida.

O esmalte é coisa séria, Rosângela não consegue acertar o conjunto das cores. Está sempre a pintar as unhas e a retirar o esmalte, pintando com novas cores.

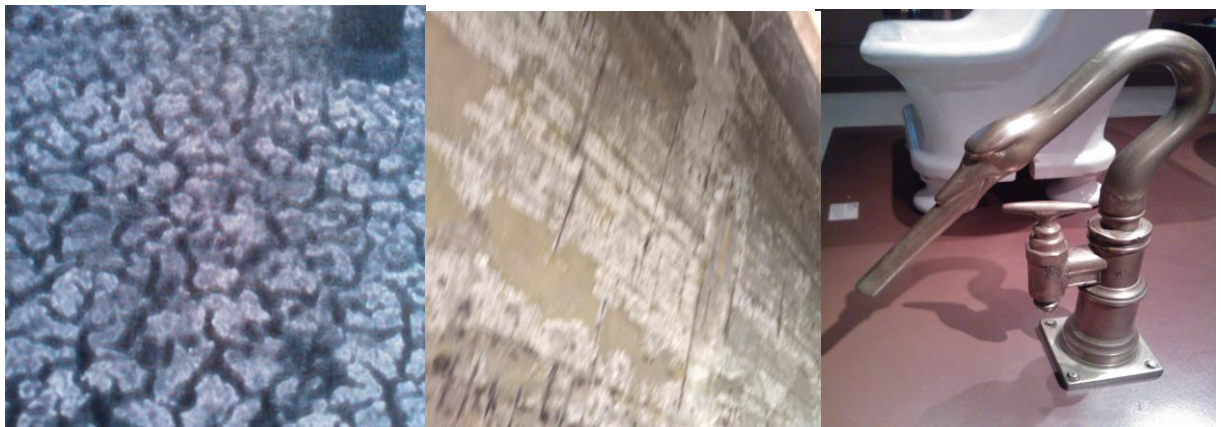
Quando Rosângela pensa ter encontrado a cor certa, Vanessa diz que não gostou e novamente terá de lançar-se as cores do esmalte.

A vida errada e a cor errada.

Medo de viver?

Busca de emoções em cores. Conjuntos.

5.15 Sede-n-tários



5.16 Ratos

No filme Febre do Rato não se buscam ricos ou pobres, negros ou brancos, analfabetos ou alfabetizados, homem ou mulher, homoeróticos ou heteroeróticos, jovens ou idosos e sim uma zona indiferenciada de existência da minoria que potencializa o “e”.

As minorias inventam suas resistências a modelos, por sua inconformidade e incondicionalidade a eles (DELEUZE, 2007, p.157). As minorias em seus processos de constituição acabam por se estabelecerem como *contra-processo* de modelização, principalmente da dominação capitalística/consumista.

O “povo de ratos” constitui-se como criação da minoridade e contra-enquadramento. Opõe-se aos poderes de dominação, domesticação e ao poder mau. O povo de Zizo é verdadeiro, ficcionadado e fabulado, mas também é um bando de “ratos”. Apenas seguidores?

Importa que Zizo não tem modelos pré-estabelecidos, econômicos, políticos, religiosos, dominantes ou não. Zizo vive no limite do enclave que impõe proibições e tem como palavra de ordem “O direito de errar”.

Neste aspecto a vida se mistura ao próprio erro, viver no desvio da vida é viver na potência da experimentação de modos existenciais.

Na fabulação de Zizo não há lugar para os sistemas simbólicos dos monstros colonizadores e suas histórias. No devir-revolucionário de Zizo não há como se lembrar dos personagens históricos e suas derrotas. Os valores dominantes são paralisados, seus modelos e mitos sociais não funcionam às margens do Capibaribe e da poesia de Zizo, onde a realidade é dominada pelos Ratos, poetas e raparigas e cachaceiros.

5.17 Capivaras



5.18 Poesia-rapariga

Quem disse que a poesia não embriaga?

A poesia é apenas passagem, na sua imanência nos drogamos, levando a outras relações semióticas, silábicas e vocais. Evocam novos afectos com os signos.

A embriaguez e a expressão como formas de resistência das existências impossíveis gotejam por entre rios e risos, es-gotam-se.

Singularizar é resistir. Resistência que se dá pela criação inserida na potência dos devires, das possibilidades de vida e de territórios. Numa relação ativa perante as subjetividades impostas pelo capitalismo-consumismo.

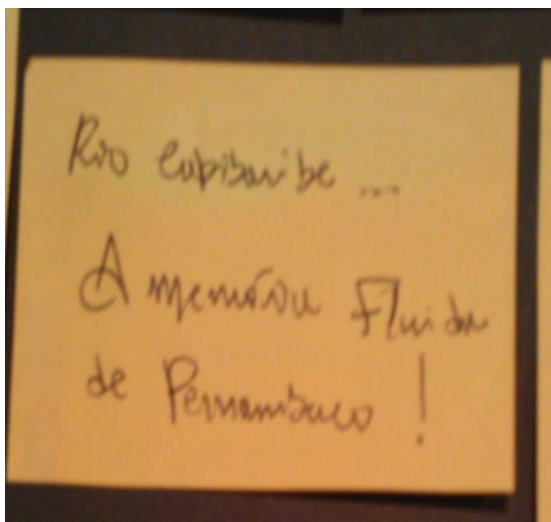
O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: Uma relação de alienação e pressão, no qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, no qual o indivíduo se reapropria dos componentes e subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p33)

Qual a obrigação social da poesia?

Palavra-desordem.

A poesia líquida dissolve sobriedades, a solidez da servidão. Menor, safada e entremelada, já nasce abortada de modelos, já nasce poesia. A *poesia como veículo* contra as dominâncias, com sua *fúria impiedosa* não tem limitação geográfica fala ao Irã e ao Iraque.

5.19 Recife líquida



5.20 O coveiro e a poesia

Pazinho diz que não entende nada da poesia de Zizo.

Zizo após ler uma de suas poesias questiona a Pazinho:

O que você acha da poesia?

Pazinho responde:

Eu acho bonito.

Quais saberes estão envolvidos no sentir?

Pazinho, como tantos outros, *gente sem-voz* e sem história, silenciados pelo Estado resistem fora do saber instituído. Gente desimportante, profissões discriminadas. Existências que se realizam no sentir o mundo, na música da poesia, do corpo e do ambiente, outras sensações e relações inovadoras.

Gente desterritorializada-reterritorializada, sujeitos em devir.

(...) O estatuto de não-saber desqualifica, marginaliza e silencia o saber das pessoas e dos grupos cujo pensar, sentir e agir não se dá legitimado pelas regras e procedimentos do saber instituído. Práticas estas que, se revistas pelo foco dos interesses populares, revelar-se-iam práticas resistentes, resistência clandestina, de um povo que perdeu o chão-território e o seu universo de referência de sua própria história e se viram transformados numa gente sem-voz. (DELEUZE, 1997)

Pazinho e Zizo possuem outra percepção da morte que vai além dos modelos sociais, dos que vivem no vazio do consumismo. Enclausuramentos.

Por outro lado, o coveiro e o poeta, percebem o caixão como extensão do morto, de uma vida que não se mede pelo tamanho, de uma existência intensiva:

Nas palavras de Zizo:

“À experiência não se mede pelo tamanho do caixão”

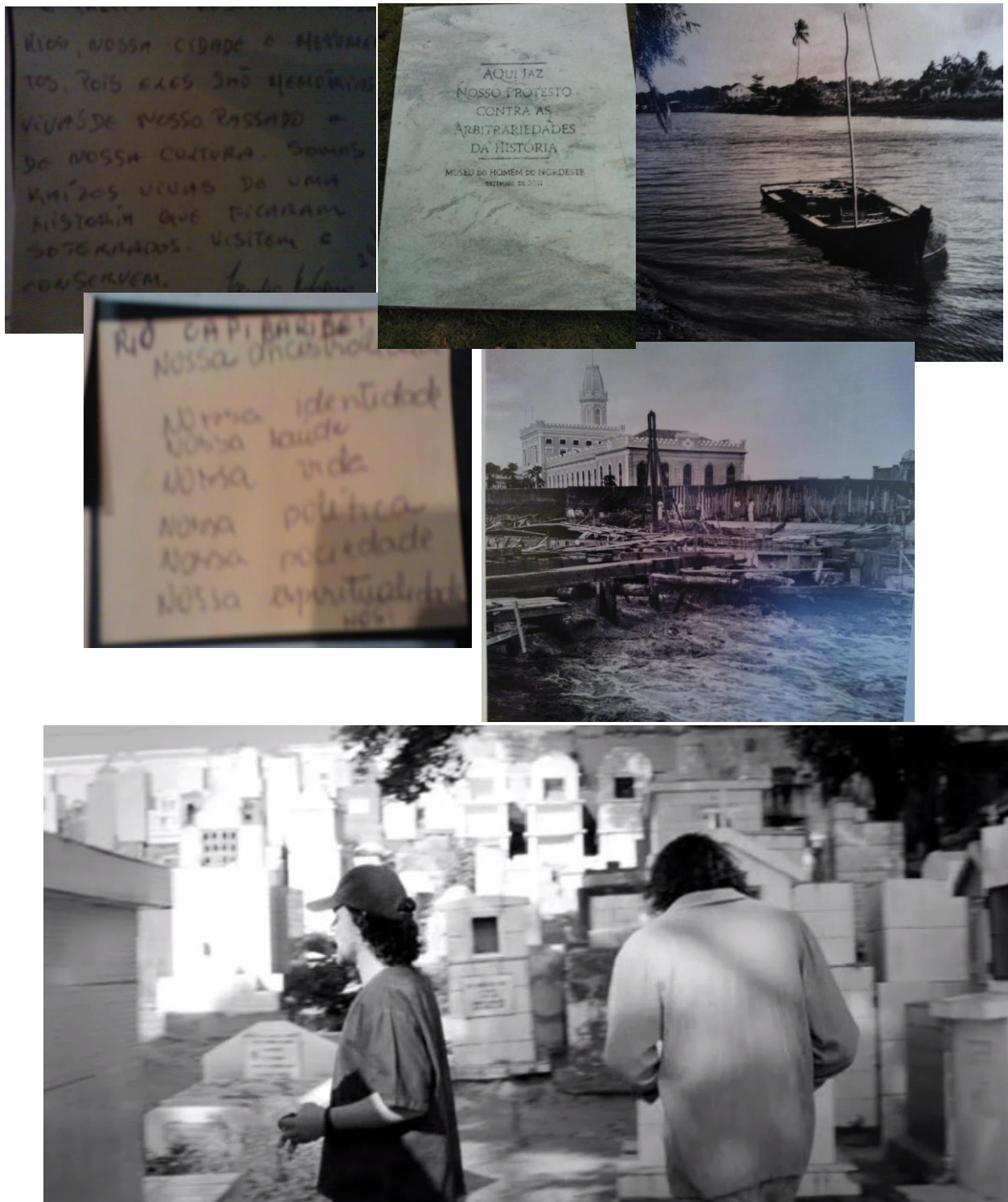
A morte dos mortos e a morte desterritorializada dos vivos, a morte como poesia que movimenta a vida.

Pazinho-poeta, a morte como poesia, poesia-vida.

A poesia jaz.

Belo.

5.21. So-terra-dos, mortos vivos



5.22 Desacordo possível, proposta improvável

Como tornar *juntos*?

A língua, como amizade primeira é condição para a existência da humanidade. Nela nos considerarmos como homem único e reconhecemos os outros homens como *outros*.

A amizade não se opõe a liberdade.

O “luxo da amizade” supõe o compartilhamento de uma zona de inter-territórios. Não há necessidade de se opor ao outro ou nos tornarmos iguais, Homem e Humanidade.

Por outro lado, impedir o homem de inventar sua própria existência, fisicamente, subjetivamente ou socialmente, é torná-lo indigno e destituir o a-cordo, *é impor a força à vontade Hu-mana*.

Para Deleuze (2007, p.68) Homem é a única condição que torna os homens irmãos e dignos, não sua nação ou propriedades. A condição de Homem já nos torna dignos e livres, sem leis porque não há o que ser respeitado. Todos podem expressar/criar/experimentar/errar e não *terem cabimento*, nas palavras de Zizo no filme:

“(...) e serem o que faz coisas diferentes como declamar o abecedário de trás para frente e eleger certas cores raras como suas preferidas” e ainda, não acreditar muito no pensamento e passar o dia “contando passos, arrumando as coisas, desfazendo nós, roendo as unhas, rolando só, assistindo TV, descobrindo ruas, circulando mapas, fumando cigarros, trapaceando bandidos, viciando o organismo, analisando o sangue, regendo conflitos, adulando desejos, reinventando sonhos, deletando pânicos”

A história traz ao presente a culpa como consequência da história.

No devir revolucionário não há culpa, mas o erro que sempre acompanha a vida.

É quem não quer viver que se opõe ao erro, viver é experimentar.

Não há acordos a serem provados.

Para Zizo *“um acordo livre, que não precisa ser respeitado”* pode salvar as possibilidades de vida, substituindo a palavra pela amizade e a força pelo desejo, a história pelo devir.

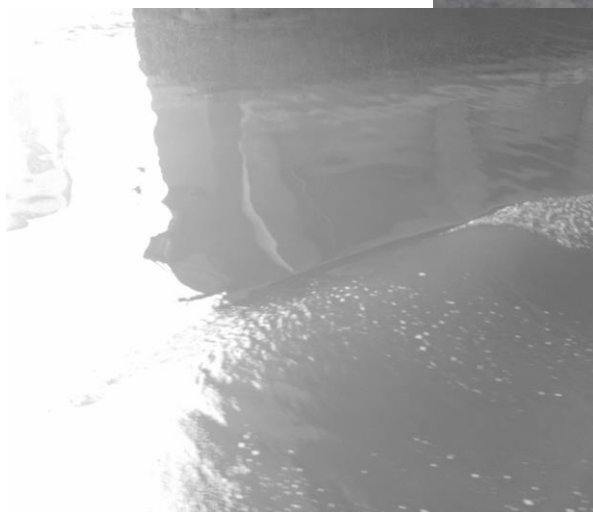
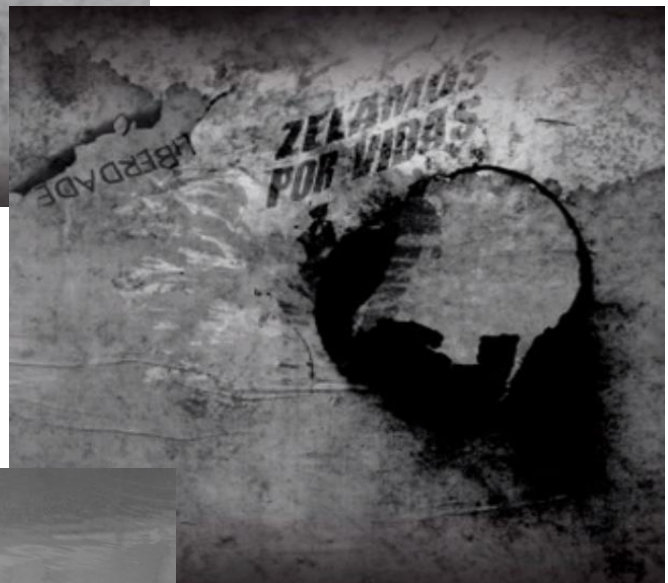
O devir dilui a história, substitui sequências-culpa para darem lugar aos atos do desejo.

A história quem cria é quem inventa.

Na voz de Zizo:

“Vamos fazer um acordo para salvar as possibilidades. Um acordo que de tão livre, não precise ser respeitado. Por sina, nesse acordo o respeito desaparece por não ser necessário. A palavra vai dar lugar à amizade. E não existirá a ideia do ontem nem a angústia do amanhã e a culpa do presente será diluída nos atos inconsequentes. E será igual pra todos: Igual pra rola, igual pro cú, igual pra boceta...”

5.23 Se a cheia chegar



5.24 O luxo da amizade

Vamos invadir o templo conservador, como é carinhosamente que eu chamo, para propor e convidar os vidas boas que queiram se agregar a nós, porque essa é a resposta que vamos dar ao mundo, é isso aqui ó, é a amizade, é o espírito da cumplicidade, é a coletividade que vai dar uma lapada nas leis. Que vais dar uma bicuda no ovo direito da ordem...

5.25 O ovo direito da ordem



"Senhores, a propriedade não tem somente direitos, tem também deveres e o estado de pobreza entre nós, a indiferença com que todos olham para a condição do povo, não faz honra à propriedade, como não faz honra aos poderes do Estado. Eu [...] não separarei mais as duas questões – a da emancipação dos escravos e a democratização do solo. Uma é o complemento da outra. Acabar com a escravidão não nos basta; é preciso destruir a obra da escravidão."

**Joaquim Nabuco
1884**

5.26. Proverbial desgraça do mundo

A servidão contamina os recifenses, “controla suas pernas” e seu corpo e sua poesia. Dominação verbal, sujeição e significância.

Zizo para o povo da rua:

*Alô, alô povo da rua do hospício. Tome e receba, febre do rato.
Vasta e astuta essa cidade, que se calcina e me embriaga e
assim despe-se, velha e cretina. Sombras largas de pontes
sobre vidas. Mesas fartas de fome nas esquinas. Proverbial
desgraça de mundo. Puta, perante o seu algoz, cospe em suas
vítimas. Beija o pé do patrão...*

Mobilidades poéticas fugitivas percorrem o centro da cidade de Recife.

Um rio entra e arrasta corpos.

5.27 Ponte Hospício



5.28 Mundo abismo

Eneida é um abismo

O Rio é um abismo

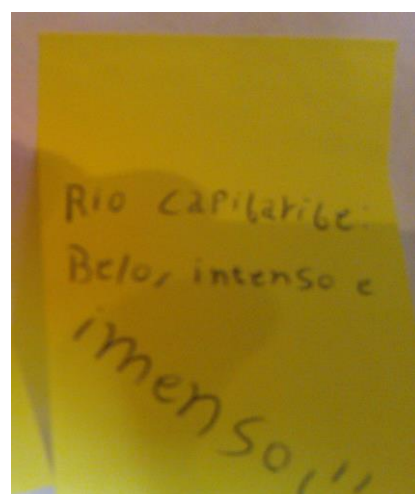
Recife é um abismo

Mundo imenso.

Mundo intenso.

Ponta do mundo...

5.29 Rio liso...



5.30 *Frag*, do alemão, pergunta: O satélite é a volta do mundo?

*O satélite é a volta do mundo,
abismo de coisas medonhas,
pessoas que ladram seus sonhos,
enfeites de cores errantes...*

*Cálida vizinha e princesa
magra e sua sã loucura,
grita de alegria, subúrbio!*

*Chora de medo o planeta.
Medidas em saias bem curtas,
bonecas, ladrões, pernetas...*

*Mundo abismo, grande mundo.
Logo ali, por trás do mangue,
descansa a insônia,
a faca, o serrote, o sexo, o sangue*

*Abismo, mundo escuro
profundo buraco,
lateja o fardo de tuas ruas,
lateja o grito ruminante.*

*Gritos de "não", mundo e abismo.
Gritos de "não"! Para o meu abismo mundo.*

O medo e o planeta. O futuro na sua obrigação do perigo. Subúrbios, pontas de desterritorialização das cidades. Cidades vizinhas-princesas-magras, sempre com saias bem curtas. O mundo se torna intenso, imenso. Desterritorializar, des-cansar, es-gotar. Nunca uma mesma volta, percursos no espaço liso, minoridade, um no infinito...

6.FRAG-MOVI-MENTOS (PARTEII)

Esta segunda parte de frag-movimentos trata-se da continuidade dos encontros possibilitados pela pesquisa. As experiências realizadas com as imagens, conceitos e escritas nos frag-movimentos (parte I) foram riquíssimas; no entanto, houve a necessidade de novas escritas.

Ao rever as escritas pairou um sentimento de que elas pertenciam a outros momentos, dos quais eram intensidades puras. Desta forma, a ideia foi fazer mais algumas experimentações e ver como se comportavam em relação às demais.

Houve também a necessidade de dar liberdade para que as imagens e escritas pudessem se confrontar, roubar pedaços e multiplicar em conjuntos.

Que pudessem *errar...*

6.1 Nuances inimagináveis

Esmalte

Azul
Azul-ouro
Azul-prússia
Azul-ultramar
Azul-cor-de-rio
Azul-emoção
Azul



6.2 Territórios

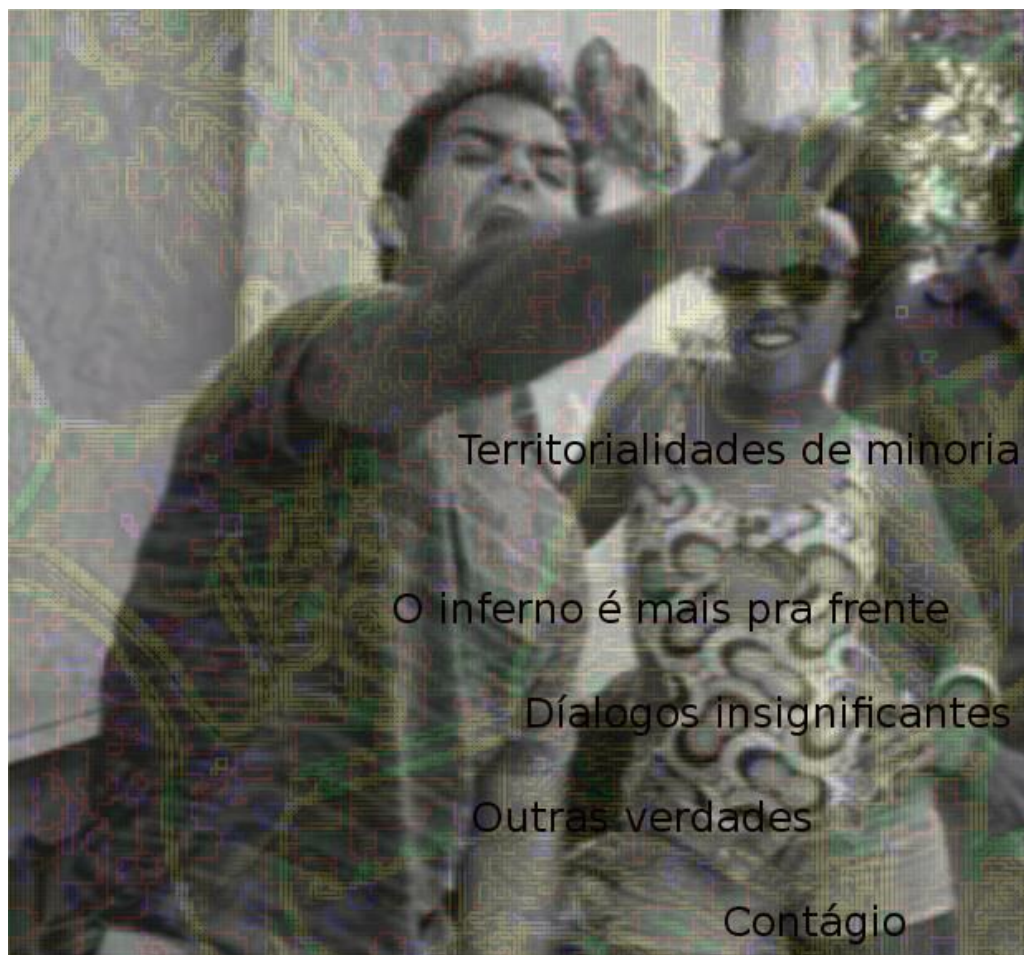
Territorialidades de minoria

O inferno é mais pra frente

Diálogos insignificantes

Verda-des outras

Contágio



6.3 Devir



Algo passa

Entre Eneida e Zizo
Entre Zizo e o Rio
Entre Zizo e Eneida

Entre Eneida e o Rio

6.4. Negociando territórios



Negociação econômica

Você e o V

não o ãn

me em

proíbe e bór p

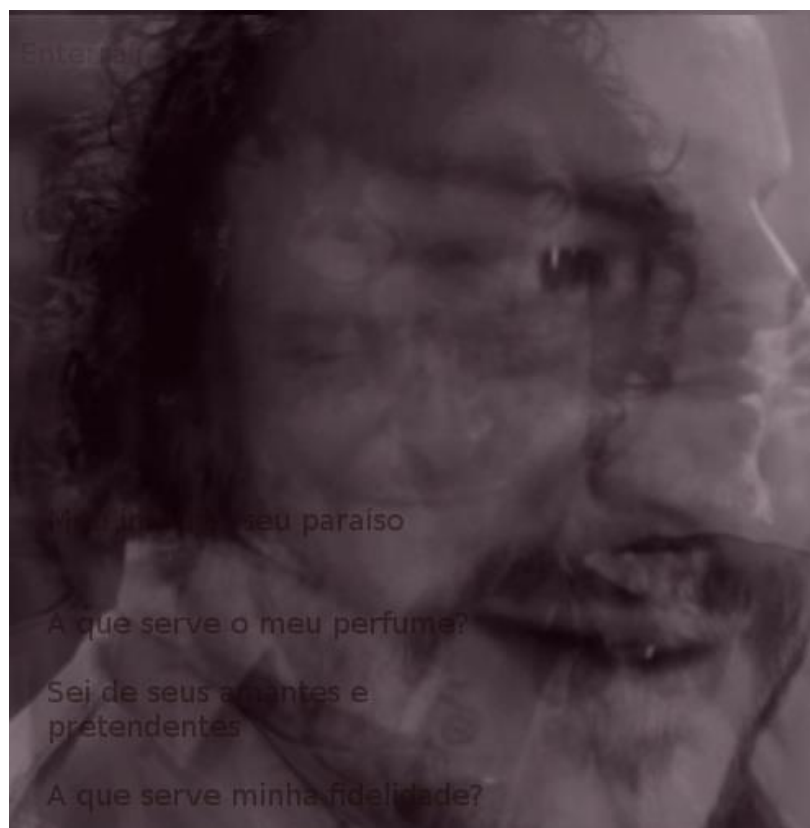
6.5 Rivalidades



Maioria

Melhor Lei
Melhor Pai
Melhor Jogo

6.6 Encosto do meu céu



Meu inferno, seu paraíso

A que serve o meu perfume?

Sei de seus amantes e pretendentes

A que serve minha fidelidade?

6.7 Horizontes

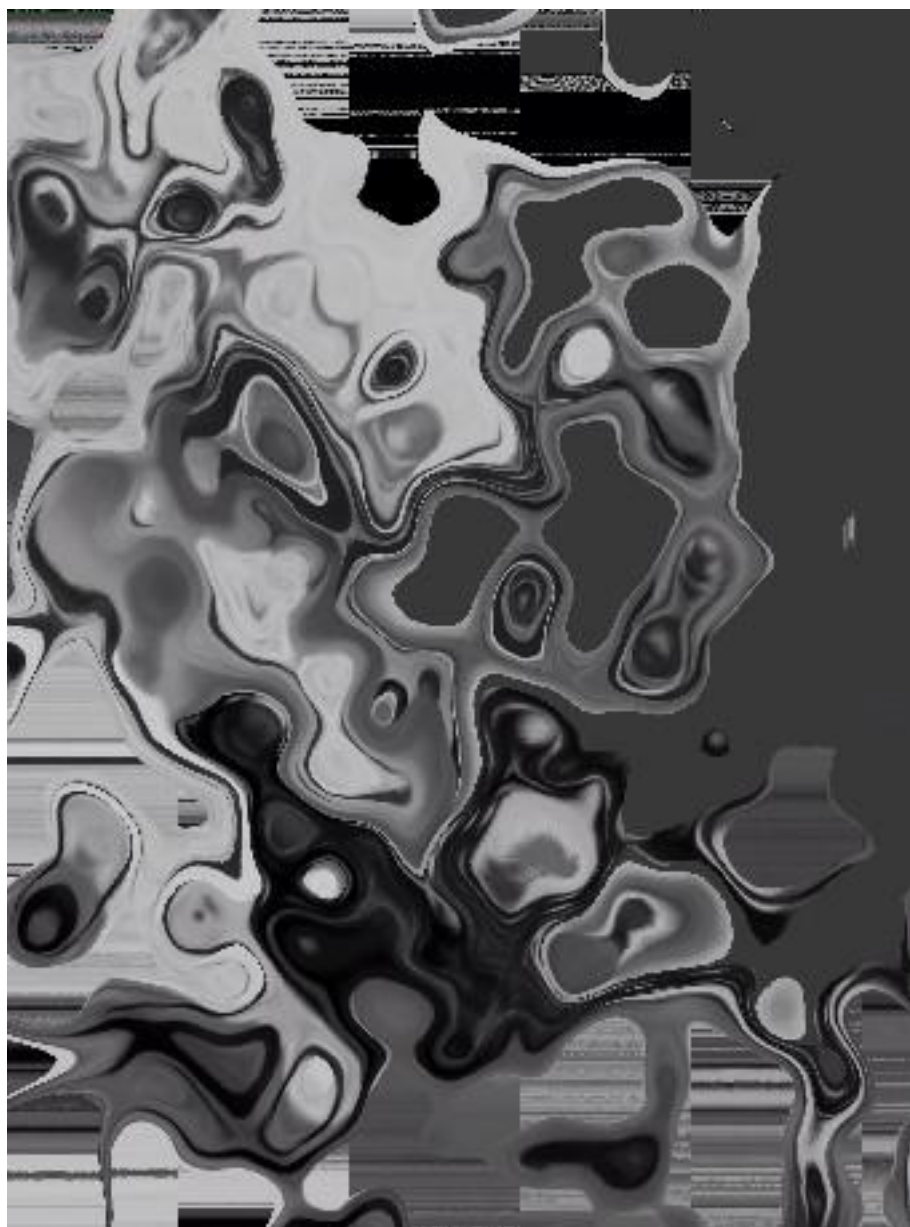


Horizonte

Porque era da sua existência
Não poderia sair de lá
Tudo lá era seu

Era ali que as coisas duravam

6.8 Flutuações



Flutuações

Gotas singulares
Andar em rio

Pensamento
bombardeado
Conceitos
errantes

Lug-a-res
inimagináveis
A-Cordos
improváveis

6.9 Enclave

Temp-l-os

Pouco me importa
Pouco me importa você e seu templo
Pouco me importa se incomodo seu tempo
E sua vaidade E sua arrogância
E sua ganância E sua maldade
E sua idade E sua implicância
Pouco me importa fabricar tristezas
Pouco me importa o seu vazio
Pouco me importa



6.10 Estratos



ESTATUTO

Status quo
Statu quo
Status

6.11 Sobre Todo Mundo

Marcha o exército

Des-cidadãos
rosângelas
vanessas
eneidas
pazinho
zizos
rato
crianças
rústicos
incultos
eróticos
coveiros
trovador

Sobre nós

trovador
coveiros
eróticos
incultos
rústicos
crianças
rato
zizos
pazitinho
eneidas
vanessas
rosângelas
Des-cidadãos

Sobre nós

Marcha o exército



6.12 Viverro

Gritos de vida

Errar!
Errar!
Errar!
Errar!



6.13 Des-loucar

O Homem no deserto

Des-louca com as estrelas



6.14 Posteridade

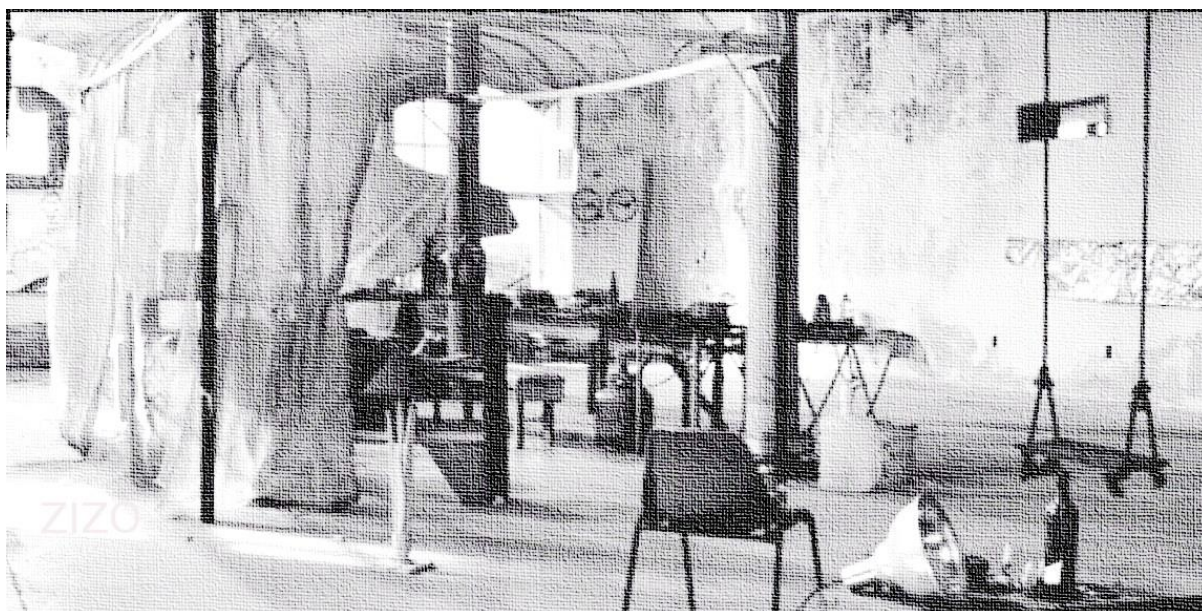


O Homem póster

Se alimenta por placentas
Tem um coração artificial
Respira por aparelhos
Pregado no asfalto
Usa alantoides
Resseca

6.15 Minorias

A morte dos tolos



Quem os viu, vivos?

6.16 Espectadores

E nós, homens?

Quem testemunhará a vida?
Pois, eu vos digo...
Não serão os únicos!
E nós?



6.17 Encerros

Encerro

Encerro

Barris e fuzis

Berços e caixões

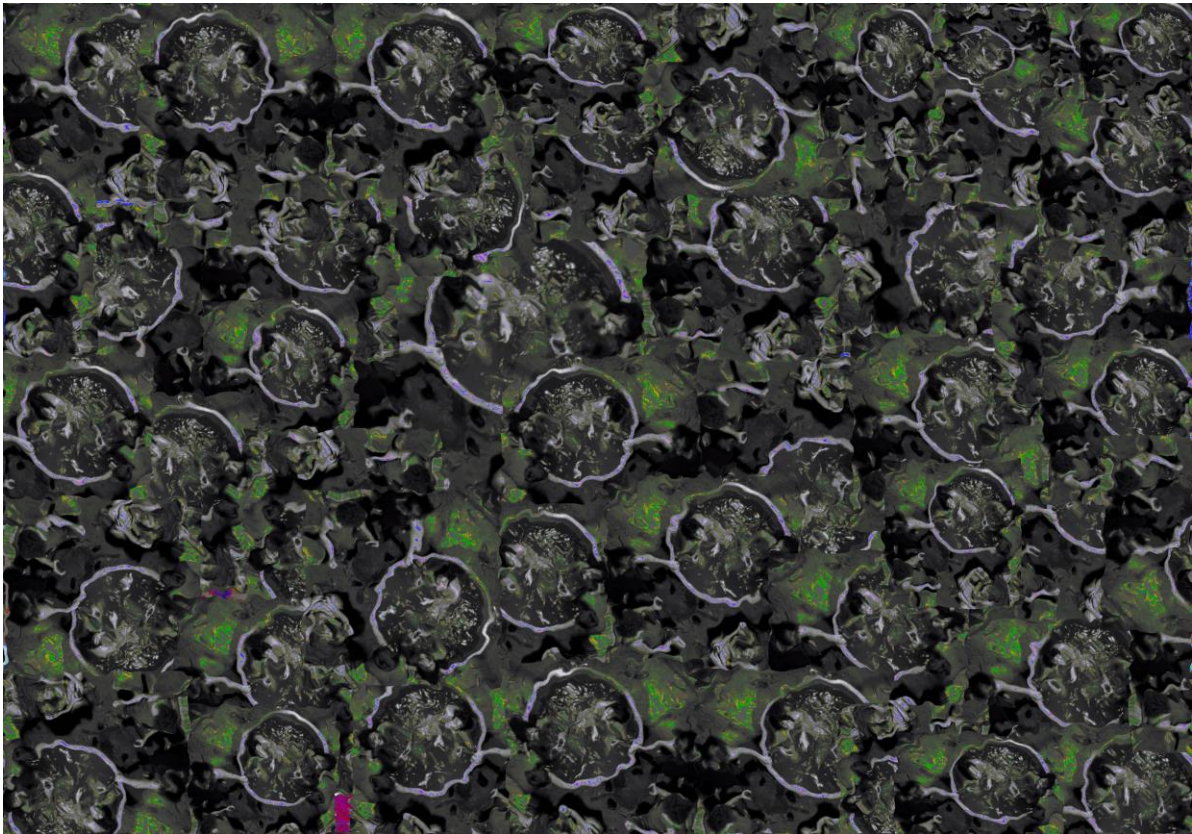


Para além das clausuras

6.18 Gotas de mundo

Natureza

O rio une a humanidade
Debaixo das calçadas
Gotas de mundo



6.19 Bandear

Bandear



Seguir?

6.20 Tensão

Ex-tensão do rio

Precisa ter coragem
Pra distanciar
Saber nadar
Enxaguar
Encher
Esvaziar
Vai menina
Leva sua urina
Aprende a ler o rio
Aprende a ter coragem



6.21 Trajeto de corpo

Poeta satélite

Zizo, o poeta satélite
poesia em torno de Eneida

Entre tantos outros,
minoria

Compartilha realidades
versos de Todo Mundo

Orbita o Rio
trajeto de corpo



6.22 En-terro



Enterro

Enterrar passados

Ver morrer antes

Sobreviver às catástrofes

6.23 Cor-ações



Cor-ação

cor-poesia
cor-cinema

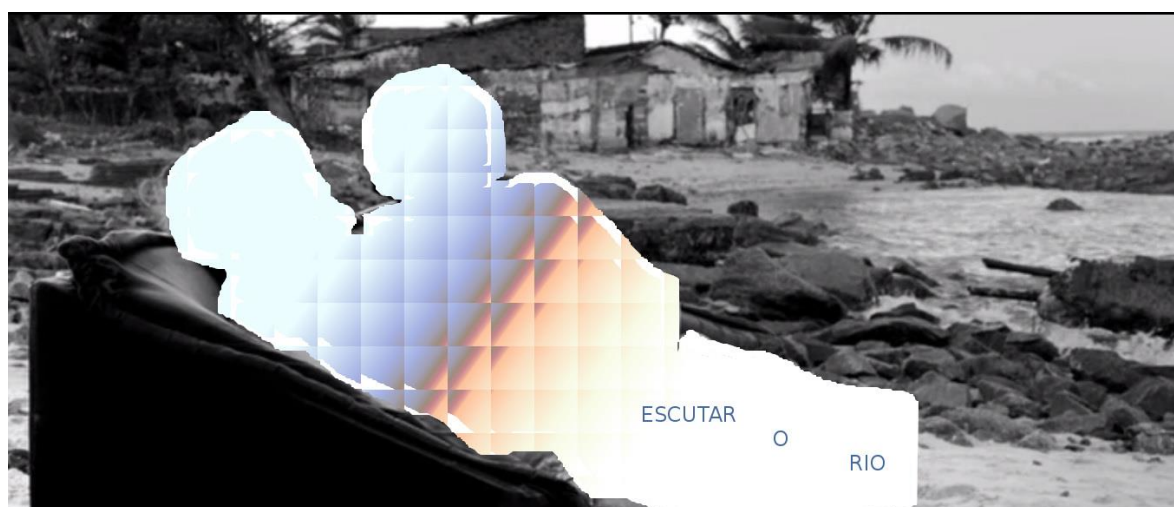
língua-cor

arrastamento feb r i l

6.24 Gritos mundanos

Gritos

Escutar a vida
Escutar o rio



6.25 Aquarelar



Aquarelar

Pigmentos ao rio
Coexistência de corpos
Multiplicidade de vidas
Nuances Incomplementáveis

6.26 Pensamentos voláteis

Pensamentos voláteis

Última
pedra

Febre

Romper a tela



Sóbrio sólido

Líquido

6.27 Jardins de Sofia

Jardins de Sofia

Ratos
Flores
Poesias



6.28 Ódio burguês

Ódio burguês

Compartilhar linguagens



A poesia racha

6.29 Charme das minorias

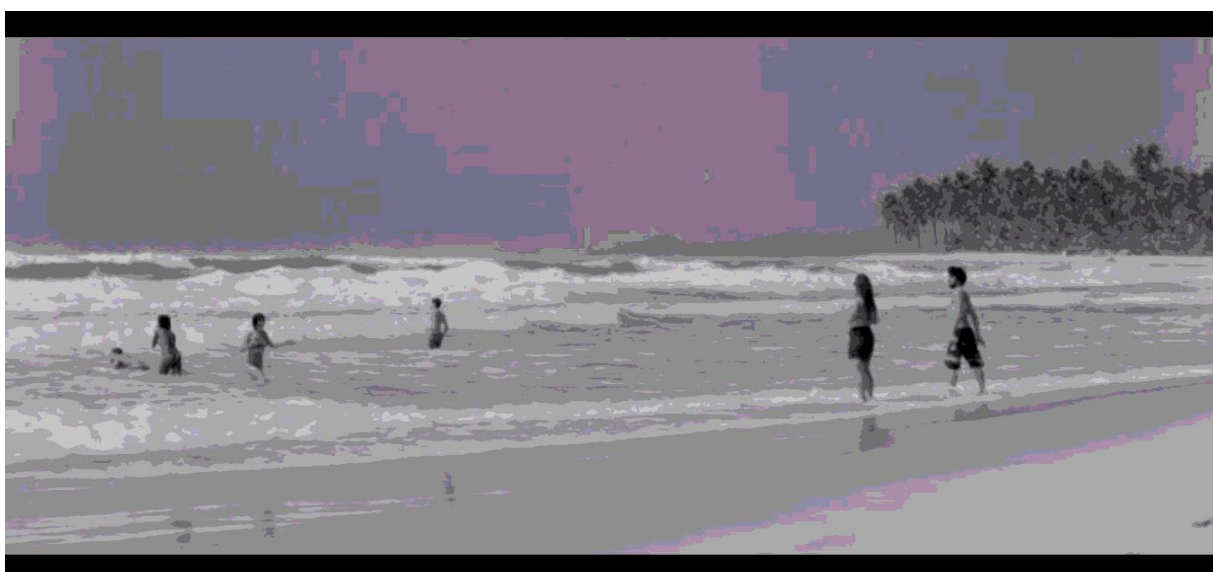
Charme das minorias



Escapar a vida

6.30 Territórios desconhecidos

Encontros



trombar
sair
entrar

além do animal
além da criança
além do homem

pensamentos
linguagens
correntezas

tombar

mãos

olhos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa mostrou-se singular no sentido de trazer ao encontro temas distintos, as dimensões de um rio, o cotidiano das minorias, as produções audiovisuais e seu papel na divulgação científica e cultural.

Este encontro só foi possível ao utilizar conceitos que permitiram avançar nas possibilidades de sua própria expressão. A desterritorialização foi um desses conceitos que permitiu uma abordagem mais livre, demonstrar seu funcionamento e impossíveis.

Avançar na ideia de minoridade e encontrar suas territorialidades mostrou-se desafiador; significou uma ideia potente que poderá ser aprofundada em pesquisas futuras.

As dificuldades encontradas foram muitas, mas acabaram por impulsionar a pesquisa para caminhos mais potentes. Ir além das imagens e personagens, mas sem sair delas mostrou-se como alternativa para avançar na experimentação da escrita e imagens.

Ao tratar de um rio pulsante, mas invisível nas imagens do filme escolhido foi necessário buscar outras imagens. Nesta busca, deparamo-nos com novas imagens do Rio Capibaribe e também foi possível o contato com a exposição Capibaribe Meu Rio que trouxe relatos sobre os vínculos da população com o Rio.

Os frag-movi-mentos acabaram por dar novas possibilidades de vida aos personagens e fortaleceram as territorialidades de minoria. A escrita como instrumento de resistência à dominação acabou por ser adensada pelo poeta Zizo.

Ao Rio Capibaribe, a dissertação enuncia a possibilidade de escapar ao desprezo e ao descaso que vem sofrendo no decorrer dos anos, destacando sua importância como fonte de inspiração de vida para a população.

Afetar pelo filme a partir dos fragmovimentos e não a partir do espaço do cinema, criando outros significados. Movimentando duplamente por territórios. Desterritorializar-reterritorializar não foi evidenciado em polos, mas em verbo.

A força de verbo permite des-loucar entre territórios, entre brechas, de não estagnar ou circular num sistema fechado. Intervenções no que esta parado.

Um roubo, inspirações e críticas em escritas e imagens febris, borbulhantes e arrastadas, fabricação de co-re-existências em rio.

Criar/divulgar imagens e escritas mostra-se potente no sentido de servir a própria desterritorialização/reterritorialização do pensamento e sua desalienação.

O que pode o *entre* filme?

A que servem passados e futuros?

Não aguentamos encarar a vida?

O que nos mobiliza?

Territórios fabulados:

Estabilizações temporárias. Ossos.

Caldacio continua servindo a beira Capibaribe.

O rio sai do fundo e fica fora da tela, afoga-se e arrasta a todos.

Libertar territorialidades de minoria.

Esgotar.

Personagens em errância, nova conexão, outro território. Des-leituras. Insistência-rio. Subverter criadores, emancipar e gritar. Escapar “as tentativas em se cansar o que se pode ser menor, o que se pode criar, o que se pode *tornar junto*, o que se pode se seguir por outros caminhos, des-loucar, seguir um rio...”

Frag-movimentar. Des-enquadrar. Proliferar des-pedaços. Amont-anhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; ***Sobre o teatro: um manifesto de menos; O esgotado***. Tradução: Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. ***Conversações***. Tradução Peter Pél Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. ***Cinema II A imagem-tempo***. Trad. Elosisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. ***Abcdário de Deleuze***. 1988. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=JagcUtuyd4o>, acessado em 05/07/2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix, ***Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2***, vol. 05, SP: Editora 34, 2012, vol. V (a).

_____. ***Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2***, vol. 04, SP: Editora 34, 2012, vol. IV (b).

_____. ***Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2***, vol. 03, SP: Editora 34, 2012, vol. III(c).

_____. ***Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2***, vol. 02, SP: Editora 34, 1997, vol. II (d).

_____. ***Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2***, vol. 01, SP: Editora 34, 1997, vol. I (e).

_____. ***O que é a filosofia?*** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: ED. 34, 1992. (Coleção TRANS).

_____. ***Kafka – Por uma literatura menor***. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. ***O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia***. Rio de Janeiro: Imago, 1976/ 1972.

GUATTARI, F. ***As três Ecologias***. Papirus, SP: Campinas, 1990

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. ***Micropolítica - Cartografias do Desejo***. RJ, Vozes, 1986.

GROSZ, Elizabeth. ***Chaos, Territory, Art***. Columbia University Press, 2008.

PELLEJERO, Eduardo. *“Literatura e Fabulação”* 2008.
http://uece.br/polymatheia/dmdocuments/polymatheia_v4n5_literatura_e_fabulacao.pdf
df acesso 05/07/2012

RANCIÈRE, Jacques. *Será que a arte resiste a alguma coisa?* 2004
<http://pt.scribd.com/doc/31368542/Ranciere-SERA-QUE-A-ARTE-RESISTE-> Acessado em
05/07/2012.

FILMOGRAFIA

ASSIS, Claudio. **Febre do Rato**. 2011

EXPOSIÇÕES

Araújo, Betânia Corrêa & Marroquim, Dirceu (curadoria). Exposição no
Forte Cinco Pontas **“Capibaribe: Meu Rio”**. Recife. Visita em Janeiro/2016.

SOFTWARE

GIMP 2.8.18 – General Image Manipulation Program – GPL - Licença
Pública Geral 2016.